



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)**

**ATRAVESSAMENTOS FRONTEIRIÇOS, LINGUÍSTICOS E POÉTICOS
EM FABIÁN SEVERO & RAQUEL VALLE SENTÍES**

ANA CAROLINA MARTINS DOS SANTOS

Foz do Iguaçu
2023



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)**

ATRAVESSAMENTOS FRONTEIRIÇOS, LINGÜÍSTICOS E POÉTICOS
EM FABIÁN SEVERO & RAQUEL VALLE SENTÍES

ANA CAROLINA MARTINS DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Literatura Comparada.

Orientadora: Prof.^a Dra. Livia Santos de Souza

FOZ DO IGUAÇU
2023

Ficha catalográfica

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catalogação de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

S237

Santos, Ana Carolina Martins Dos.

Atravessamentos fronteiriços, linguísticos e poéticos em Fabián Severo & Raquel Valle Senties / Ana Carolina Martins Dos Santos. - Foz do Iguaçu, 2023.

85 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada. Foz do Iguaçu-PR, 2023.

Orientador: Livia Santos de Souza.

1. Literatura comparada - Fronteira. 2. Sujeitos transfronteiriços. 3. Literatura translingue. I. Souza, Livia Santos de. II. Título.

CDU 82.091(1-04)

ANA CAROLINA MARTINS DOS SANTOS

ATRAVESSAMENTOS FRONTEIRIÇOS, LINGÜÍSTICOS E POÉTICOS
EM FABIÁN SEVERO & RAQUEL VALLE SENTÍES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Literatura Comparada.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra. Lívia Santos de Souza (UNILA)

Examinadora interna: Prof.^a Dra. Débora Cota (UNILA)

Examinador externo: Prof. Dr. Luciano Prado da Silva (UFRJ)

Foz do Iguaçu, 14 de março de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo presente que foi cursar esse Mestrado, por ter me ajudado a enfrentar esse desafio, por ter me dado força e disposição para escrever este trabalho e colocar pessoas mais que especiais em minha vida, dentre essas agradeço:

Aos meus dois grandes amores, meus pais, Ana Luiza e José Dias pelo carinho, apoio e segurança em todos os caminhos percorridos, pois sempre acreditaram em mim, me incentivaram a chegar até aqui e a ir mais longe. Meus maiores e melhores exemplos! Igualmente a minha querida família, sempre muito presente e na primeira fila da torcida.

A minha orientadora Livia Santos por contribuir, depositar confiança e ajudar, pacientemente, na construção deste trabalho, bem como por toda motivação e incentivos durante essa etapa. Uma pessoa que admiro para além do ambiente acadêmico!

Aos professores da minha banca, Luciano Prado e Débora Cota, que gentilmente aceitaram ler meu trabalho, oferecer suas preciosas contribuições, tanto durante o exame de qualificação quanto na defesa e me impulsionar a seguir com novos e futuros estudos.

A todos os colegas e professores do PPGLC pelas valiosas trocas e ensinamentos que tanto contribuíram para a escrita desta dissertação.

As minhas amigas Laura e Ticyane pelos momentos compartilhados e vividos, tanto em Foz do Iguaçu como à distância, pelas muitas conversas, alegrias, angústias, carinho e força partilhada ao longo dessa jornada, de dois anos, que gerou e consolidou uma bela amizade.

A toda família da Diyanine que, amorosamente, ‘me adotou’ contribuindo para que essa etapa fosse mais leve e alegre, bem como a receptividade da Camila e todos os demais irmãos e irmãs da Primeira Igreja Presbiteriana em Foz do Iguaçu.

Agradeço à CAPES pelo financiamento dispensado por meio da bolsa de pesquisa durante esse tempo, mesmo em meio ao desmonte da educação entre os anos de 2018 e 2022.

Agradeço também a enorme contribuição de Raquel Senties e Fabián Severo, já que ao lado deles, aos poucos, me transformo/transformei em pesquisadora. Deixei de ser, somente, uma leitora apaixonada e curiosa e me tornei mestra em literatura comparada.

Embora minha gratidão não se esgote com essas palavras, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidas e me ofereceram o apoio e o acolhimento de que precisei ao longo do Mestrado.

*Eu sou o sonho dos meus pais, que eram sonhos dos avós
Que eram sonhos dos meus ancestrais
Vitória é sonho dos olhares, que nos aguardam nos lares
Crendo que na volta somos mais*

*O lar é nesse abraço, a casa, o detalhe
Onde plantamos paz
Se tem metade divide, se tem o dobro convida
É assim que Deus vive nos mortais*

*É o primeiro diploma
A viagem, a nova porta que se abre
Da janela do carro, o vento diz
Esteja atento aos milagres.*

(Emicida & Ivete Sangalo)

RESUMO

Esta pesquisa, situada no âmbito da Literatura Comparada, tem como tema a escrita literária transfronteiriça e translíngua. Para conduzir a discussão, inicialmente, são propostas algumas diferenciações entre certos conceitos sobre fronteira, bem como a exploração das zonas fronteiriças abordadas neste trabalho, através de tópicos como nação, sujeito, diáspora, entre outros. Em um segundo momento, recorre-se ao aporte teórico referente às práticas linguísticas decorrentes desses espaços, nomeados aqui como “portuñol” e “spanglish”, do mesmo modo que se produz objetos a partir de diferentes trânsitos literários. Posteriormente, discute-se sobre as noções de memória e língua com base nas suas íntimas relações entre infância e território. Buscando contemplar os objetivos deste estudo, tomou-se para análise poemas das seguintes publicações: *Noite nu Norte: Poemas en Portuñol* (2010), de Fabián Severo e *The Ones Santa Anna Sold* (2014), de Raquel Valle Senties. Ambos os livros versam sobre a vida de sujeitos fronteiriços, localizados em espaços geográficos diferentes, mas que para além de aspectos territoriais, dialogam muito entre si poeticamente. Por um lado, a fronteira uruguaio-brasileira, em *Noite nu Norte* e, por outro, a mexicana-estadunidense, na obra de Senties. Nesse sentido, pensar a contemporaneidade da literatura latino-americana requer uma reflexão sobre os muitos deslocamentos culturais que marcaram/marcam o nosso contexto histórico como latino-americanos e o lugar da escrita nessa experiência. Por essa razão, desde o princípio desta investigação as obras são examinadas, visando propor diversas relações com as temáticas abordadas, por meio da compreensão de como o atravessamento da fronteira está diretamente relacionado com os modos de identificação de sujeitos transfronteiriços e como essa vivência se manifesta na literatura.

Palavras-chave: fronteira; sujeitos transfronteiriços; literatura translíngua.

RESUMEN

Esta investigación, situada en el ámbito de la Literatura Comparada, tiene como tema la escritura literaria transfronteriza y translingüe. Para conducir la discusión, inicialmente, se proponen algunas diferenciaciones entre ciertos conceptos sobre frontera, así como la exploración de las zonas fronterizas abordadas en este trabajo, a través de temas como nación, sujeto, diáspora, entre otros. En un segundo momento, recurrimos a la aportación teórica relativa a las prácticas lingüísticas surgidas de estos espacios, denominados aquí como “portuñol” y “spanglish”, del mismo modo que producimos objetos a partir de diferentes tránsitos literarios. A continuación, abordamos las nociones de memoria y lenguaje a partir de sus íntimas relaciones entre infancia y territorio. Buscando contemplar los objetivos de este estudio, se tomó para el análisis poemas de las siguientes publicaciones: *Noite nu Norte: Poemas en Portuñol* (2010), de Fabián Severo y *The Ones Santa Anna Sold* (2014), de Raquel Valle Senties. Ambos libros tratan de la vida de sujetos fronterizos, situados en espacios geográficos diferentes, pero que, más allá de los aspectos territoriales, dialogan poéticamente entre sí. Por un lado, la frontera uruguayo-brasileña, en *Noite nu Norte* y, por otro, la frontera mexicano-estadounidense, en la obra de Senties. En este sentido, pensar la contemporaneidad de la literatura latinoamericana requiere una reflexión sobre los múltiples desplazamientos culturales que han marcado/marcan nuestro contexto histórico como latinoamericanos y el lugar de la escritura en esta experiencia. Por esta razón, desde el inicio de esta investigación se examinan las obras, con el objetivo de proponer diversas relaciones con los temas abordados, a través de la comprensión de cómo el cruce de la frontera está directamente relacionado con los modos de identificación de los sujetos transfronterizos y cómo esta experiencia se manifiesta en la literatura.

Palabras clave: frontera; sujetos transfronterizos; literatura translingüe.

ABSTRACT

This research, situated within the scope of Comparative Literature, has as its theme cross-border and translanguaged literary writing. To conduct the discussion, initially, some differentiations between certain concepts about border are proposed, as well as the exploration of the border zones addressed in this work, through topics such as nation, subject, diaspora, among others. In a second moment, we resort to the theoretical contribution referring to the linguistic practices arising from these spaces, named here as “portuñol” and “spanglish”, in the same way that objects are produced from different literary transits. Subsequently, we discuss the notions of memory and language based on their intimate relations between childhood and territory. In order to meet the objectives of this study, we analyzed poems from the following publications: *Noite nu Norte: Poemas en Portuñol* (2010), by Fabián Severo and *The Ones Santa Anna Sold* (2014), by Raquel Valle Senties. Both books are about the lives of border subjects, located in different geographic spaces, but that beyond territorial aspects, they dialogue with each other poetically. On one hand, the Uruguayan-Brazilian border, in *Noite nu Norte*, and, on the other hand, the Mexican-United States border, in Senties' work. In this sense, thinking about the contemporaneity of Latin American literature requires a reflection on the many cultural displacements that have marked/marked our historical context as Latin Americans and the place of writing in this experience. For this reason, from the beginning of this research the works are examined, aiming to propose several relationships with the themes addressed, through the understanding of how the crossing of the border is directly related to the modes of identification of cross-border subjects and how this experience manifests itself in literature.

Keywords: border; cross-border subjects; translanguage literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. TEORIZANDO FRONTEIRAS	19
1.1 MAIS QUE FRONTEIRAS, TRANSFRONTEIRAS	20
1.2 ENTREMUNDOS	28
1.3 NOS/OTROS LATINOAMERICANOS	33
1.4 SER COM-UNIDADE / NAÇÃO	37
2. TRÂNSITOS LINGÜÍSTICOS & LITERÁRIOS	42
2.1 TRANSLINGUISMOS: <i>PORTUÑOL & SPANGLISH</i>	43
2.2 ESCRITAS TRANSLÍNGUES	50
3. POÉTICAS DAS MEMÓRIAS	56
3.1 (RE)ESCREVENDO MEMÓRIAS	57
3.2 INFÂNCIA E MEMÓRIAS	66
3.3 TERRITÓRIOS E MEMÓRIAS	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS – <i>Heridas Abiertas de América Latina</i>	77
REFERÊNCIAS	80

INTRODUÇÃO

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.
(CANDIDO, 2011, p. 177)

Diante de afirmativas como as descritas na epígrafe, sou levada a pensar em uma educação para a cidadania e com fins a uma consciência democrática, em que não se evidenciem características de um funcionamento autoritário e excludente no que diz respeito, principalmente, ao estudo da literatura. Imersa nessa concepção de educação foi que no final do curso da graduação de Licenciatura em Letras, nas disciplinas de *Didática do Espanhol e do Português I e II*, tive a fortuna de experienciar, pela primeira vez, a leitura de literaturas consideradas translíngues.

A partir desse momento, descobri uma biblioteca de poéticas tecidas em trânsitos linguísticos. No entanto, meu primeiro contato deu-se com a obra *Noite nu norte: poemas em portuñol* (2010), do autor Fabián Severo e, logo depois, com a de Gloria Anzaldúa, *Borderlands/La frontera: The new mestiza* (2016) – publicada pela primeira vez em 1987; ambas escritas em *portuñol*¹ e em *spanglish*², respectivamente. Mediante esse contato, comecei a compreender a imagem não só da fronteira, como também dessa escrita literária como um espaço que ainda causa estranhamento e, com efeito, pude questionar-me sobre tais textos literários: Essas obras podem ser consideradas latino-americanas? Em que medida se relaciona o local transfronteiriço com essas escritas literárias? Por que essa literatura ainda é desprezada? Foram esses os anseios iniciais responsáveis pelo meu redirecionamento crítico do conceito de fronteira, literatura e língua, propostas centrais nesta dissertação.

¹ Reconheço que há um valor pejorativo comumente atribuído a esse termo que, inclusive, mais adiante será discutido. No entanto, decido usá-lo como forma de potencializar o resultado do trânsito linguístico entre o português e o espanhol e, também, devido ao fato de o próprio autor dos textos literários em questão, nomeá-lo dessa maneira.

² Apesar de haver discordâncias linguísticas quanto ao *spanglish*, o termo será aqui empregado fazendo referência ao espanhol chicano, que se configura como uma de suas variedades e, também, pelo fato de a própria autora nomeá-lo em seus poemas.

Nesse âmbito, participar de um Programa de Pós-Graduação de uma Universidade Pública, principalmente um como o da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) que visa “compreender a cultura, a literatura e outras formas de representação estética de países e povos marcados por formações étnicas distintas, processos históricos assimétricos, formas desiguais de exercício do poder e da cidadania”, permite com que eu conduza minha pesquisa através de um estudo transdisciplinar. Além disso, ressalto que o processo desta escrita, felizmente, depois de um período pandêmico e de atividades remotas, pode dar-se pelas minhas vivências e atravessamentos próprios na Tríplice Fronteira (Argentina, Paraguai e Brasil), espaço em que se localiza a UNILA.

Portanto, esta investigação se propõe a avançar nos saberes da Linguística, da História, da Cultura, mas principalmente, no campo da Literatura Comparada, uma vez que me possibilita “interrogar os textos literários, concebendo-os não como sistemas fechados em si mesmos, mas na sua interação com outros textos, literários ou não” (CARVALHAL, 1991, p. 13). Desse modo, fundamento a metodologia deste trabalho em uma teoria comparatista entendendo-a como um caminho analítico e interpretativo que admite a reflexão não só sobre os objetos comparados, mas, também, sobre as representações literárias, linguísticas, políticas, sociais e culturais presentes nas obras; propiciando-me assim uma compreensão mais ampla das questões que envolvem o mundo contemporâneo no qual estou inserida, especialmente a América Latina.

Pensar, portanto, a contemporaneidade da literatura latino-americana requer uma reflexão sobre os muitos deslocamentos culturais que marcaram e marcam o nosso contexto histórico e o lugar da escrita. E não há como pensar em deslocamentos sem mencionar as largas fronteiras latino-americanas, que inclusive ganham destaque em certas obras, tanto em proporções físicas e geográficas como em psicológicas e simbólicas. Inclusive, por vezes, ganham imagens e discursos que transmitem ódio; como é o caso, por exemplo, do famoso ‘Muro do Trump’, levando o nome do ex-presidente estadunidense Donald Trump. Ainda que partes de um muro fronteiro já existissem antes de seu governo, a proposta de construção total dele foi o projeto mais representativo da sua campanha eleitoral e do seu mandato, compreendido entre os anos de 2017 e 2021. O resultado foi uma barreira constituída de cercas e muros com, aproximadamente, 730 km de extensão ao longo da fronteira física entre o México e os Estados Unidos, com o fim de impedir agressivamente entradas não oficiais de imigrantes – sobretudo mexicanos

e latinos, em geral – em território estadunidense. Sobre isso, até mesmo, é possível visualizar:

I press my hand to the steel curtain—
chainlink fence crowned with rolled barbed wire—
rippling from the sea where Tijuana touches San Diego
unrolling over mountains
and plains
and deserts,
[...]
(ANZALDÚA, 2012, p. 24)

De igual forma, vínculo a essa situação o episódio em que um grupo de brasileiros, em 2018, destruiu acampamentos improvisados de imigrantes venezuelanos na cidade de Pacaraima, em Roraima, na fronteira com a Venezuela. Esses casos só evidenciam como o ódio deixa de ser apenas discurso e passa a ser atitude, totalmente intolerável, preconceituosa e violenta.

Por esses motivos, cabe lembrar que a ação de migrar faz parte constitutiva da humanidade, pois o mundo como conhecemos hoje – que já não é mais o mesmo de ontem nem igual ao de amanhã –, se formou e se forma baseado em movimentos diaspóricos contínuos e por diferentes razões. A esse respeito, o autor Michel Onfray afirma que o movimento é uma condição ancestral e que cada um se descobre nômade ou sedentário, em algum momento, podendo ser “amante dos fluxos, transportes, deslocamentos, ou apaixonado por estatismo, imobilismo e raízes” (2009, p. 9).

Com isso, é possível perceber como tais deslocamentos produzem e provocam alterações significativas tanto geograficamente como, também, cultural e socialmente. Segundo Mary Louise Pratt (2014), ainda podemos pensar a migração a partir de um viés linguístico que redistribui aptidões linguísticas reverberando-as em crescentes proporções; logo “Cuando las personas se mudan, el lenguaje se muda con ellas. El lenguaje es la gran razón de que las historias imperialistas y acerca de las diásporas sigan funcionando en el nuevo orden mundial” (PRATT, 2014, p. 243). E não só isso, a língua também se transforma durante esse processo migratório.

Dessa forma, aquele que migra já não é mais o mesmo, nem a língua que fala. Então, como pensar na literatura produzida em tais contextos? Em que medida as questões linguísticas despontam nessa literatura? Com a finalidade de discorrer sobre esse assunto, Pascale Casanova afirma que:

A questão da literatura é evidente e diretamente ligada, embora por laços muito complexos, à da língua. O escritor mantém com sua língua literária (que nem sempre é sua língua materna, nem sua língua nacional) relações diretamente singulares e íntimas. Mas toda a dificuldade para pensar nas relações entre língua e literatura deve-se à própria ambiguidade do status da língua. Dela faz-se um uso claramente político – e ela é ao mesmo tempo a “matéria-prima” específica dos escritores [...] [que] aos poucos criam as condições de sua liberdade literária.

(CASANOVA, 2002, pp. 65-66)

Complementando o autor, não compartilho da ideia de que a dificuldade da relação anteriormente mencionada se deva somente à língua, mas também ao status atribuído à literatura, visto que ainda há um uso político que reforça privilégios a uma estrutura literária canônica. Nesse sentido, considero que tanto língua como literatura apresentam o mesmo peso. Além disso, escrever não implica apenas na técnica ou no desenvolvimento de uma habilidade, mas também em um modo de inscrição do sujeito em uma determinada configuração social pelo simbólico; ainda mais porque estamos tratando de sistemas não gramaticalizados, como o *portuñol* e o *spanglish*, cujas escritas gráficas apoiam-se em duas línguas, cada um.

Desse modo, o próprio ato de enunciação do sujeito ou de escrever (n)essa língua, tem como efeito a instituição de um lugar para ela no domínio das letras. Dito de outro modo, é pela escrita e na escrita que se confere outro lugar, bem como uma outra modalidade de circulação. Tal como formula Jacques Rancière (1995), o ato de escrever é essencialmente político enquanto modo de ocupar o sensível. É por meio da escrita que o sensível é dividido, ou melhor, (com)partilhado. Assim, a escrita “é coisa política porque seu gesto pertence à constituição estética da comunidade e se presta, acima de tudo, a alegorizar essa constituição” (1995, p.8).

Logo, os textos literários em *portuñol* e *spanglish*, uma vez materializados, podem funcionar como um modo de (re)territorializar a fronteira ao (re)dizê-la pela língua, na escrita, significando a relação do sujeito fronteiriço com o espaço por ele habitado e apropriado, através de territorialidades específicas, dada a condição geopolítica e sócio-histórica particular de cada fronteira. E já que a língua está atravessada por relações de poder, essas relações se inserem na ordem do político, criando hierarquias linguísticas, entre o *portuñol* e o *spanglish* com as línguas nacionais dominantes, como o português, o espanhol e o inglês, e é possível constatar esse confronto nas obras a seguir.

A propósito, a primeira obra que compõe meu *corpus* é *Noite nu norte: Poemas en Portuguol* (2010), do escritor Fabián Severo. *Noite nu norte* é a sua primeira obra, apresentando uma seleção de 58 poemas escritos em portuguol, identificados em sequência por números cardinais escritos por extenso. Através da sua poesia em *portuguol*, abre possibilidades criativas e infinitas de realizações que atuam como estratégia política e simbólica. E desse modo, (re)constrói a identidade do sujeito poético dando significado e sentido para o seu mundo, através do seu espaço de habitar e enunciar a língua.

O seguinte *corpus* a ser analisado trata-se de *The Ones Santa Anna Sold* (2014), da escritora chicana Raquel Valle Senties. Essa é uma coleção de poesia, contando com 51 poemas escritos em inglês, espanhol e *spanglish* expondo conflitos autobiográficos-ficcionais, baseados nos diversos impactos causados pela/na fronteira mexicana-estadunidense e que são vivenciados por uma chicana que transita ambas realidades. Através dessa obra, a artista – que também se dedica à pintura e ao teatro – ganhou seu primeiro prêmio internacional de Literatura³.

Portanto, é precisamente a escrita literária transfronteiriça e translíngue que constitui o **tema** deste trabalho. Uma literatura que destaca o movimento entre diferentes línguas, ou seja, uma perspectiva através de práticas linguístico-literárias. Assim, o prefixo *trans-* se desvincula de qualquer pensamento teórico que pretenda ser linear ou binário como, por exemplo, o bilinguismo e, também, o multilinguismo (SIANO; CAMARGO, 2015).

Dessa forma, meu **objetivo principal** consiste em compreender como a língua está diretamente relacionada com os modos de identificação de sujeitos transfronteiriços e como essa vivência se manifesta na literatura, a partir dos seus respectivos contextos. Mais especificamente, meus **objetivos específicos** são: i) mapear a produção literária dos autores referenciados; ii) definir os elementos principais das suas obras; iii) aproximar as suas poéticas a fim de estabelecer diálogos e; iv) analisar seus poemas através do próprio território, das suas práticas linguísticas e das suas memórias.

Portanto, busco responder ao **problema** desta pesquisa, a saber, quais são – apesar da distância geográfica – as possíveis relações literárias que podem ser estabelecidas nas intersecções literárias das obras mencionadas anteriormente?

³ Prêmio Internacional José Fuentes Mares em Letras Chicanas concedido pela Universidad Autónoma de Ciudad Juárez (UACJ), México.

Para tanto, parto da **hipótese** de que ao escrever textos literários translíngues, Fabián Severo e Raquel Valle Senties ressignificam o lugar da fronteira e vinculam suas memórias, territórios e línguas nas suas escrita-vivências⁴.

Logo, fazem parte da minha **fundamentação teórica** autores como Eduardo Coutinho (2010) e Tania Carvalhal (1991), pelos estudos sobre literatura comparada; Gloria Anzaldúa (2012), Avtar Brah (2011) e Eliana Sturza (2007), pelo aparato teórico sobre fronteira; Elena Palmero González (2019) e Yasemin Yildiz (2012) pela problematização de língua e translinguismo; Aleida Assmann (2011), Candau (2011) e Stuart Hall (2006) no que se refere às explorações sobre memória e identidade e; Roberto Esposito (2012), Jean-Luc Nancy (2001) e Benedict Anderson (2008) pelos estudos de comunidade. Com o objetivo de explicitar, brevemente, os tópicos acima citados, ressalto a fundamental contribuição de cada um para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Assim sendo, considero que viver a/na fronteira é viver em um entremeio discursivo, cultural e identitário, caracterizado pelas especificidades que marcam tal lugar. No entanto, para além da concepção de fronteira como lugar que limita, pretendo ampliá-la para um ‘lugar em movimento’, lugar de identificação(ões), espaço geopolítico/geocultural, *espacio de diáspora* (BRAH, 2011). E como produto da intersecção desse lugar, tem-se o conceito de translinguismo, que se refere às diversas possibilidades discursivas – individuais ou comunitárias em que os sujeitos – aqui os transfronteiriços – vivem e dão sentido às suas realidades. Com o fim de corroborar que as fronteiras linguísticas podem e são comumente transpassadas, assim como a memória – coletiva e individual –, essas escritas seguem atravessando e conectando sujeitos e gerações.

Nesse sentido, é interessante refletir o quão pulsante e potente são as lembranças para os sujeitos transfronteiriços e como eles conseguem resgatá-las e materializá-las nas suas escritas literárias. Logo, o que pretendo é pensar como as múltiplas possibilidades de sentidos e imagens evocam e resgatam memórias desse eterno trânsito.

Feitas tais considerações, elenco a estrutura desta dissertação que apresenta três capítulos. Sendo assim, no **primeiro capítulo**, *Teorizando Fronteiras*, estabeleço uma reflexão teórica sobre os conceitos de fronteira e aqueles que também o circundam, como

⁴ Cunho esse termo, baseada no conceito de Conceição Evaristo: 'escrevivências', pois decorre de sentidos permitidos pela expressão “escrever vivências” ou mesmo de escrever fatos vividos pelo eu que os recupera pela escrita.

diáspora, migração, espaço, entre outros. Semelhantemente, faço um recorte historiográfico referente tanto às influências luso-brasileiras em território uruguaio, como a histórica relação de invasão estadunidense ao território mexicano e a formação da comunidade chicana. Por último, a partir das discussões levantadas, busco abordar a imagem de nação & comunidade e a sua relevância para os sujeitos fronteiriços.

No **segundo capítulo**, *Trânsitos Linguísticos & Literários*, somam-se às discussões anteriores alguns aspectos históricos provenientes da formação linguística do *portuñol* e do *spanglish*. Por isso, considero importante aludir algumas discussões teóricas sobre língua, linguagem e translinguismo derivando de uma perspectiva linguística que deságua em mares poéticos translíngues. Dessa confluência espera-se analisar de qual(is) modo(s) os autores utilizam esses encontros linguístico-literários a fim de simbolicamente revelar tudo que transpassa a fronteira; como, inclusão, exclusão, espaços, sentidos e experiências.

Finalmente, a escrita do **terceiro capítulo**, *Poéticas das memórias* busca investigar a relação de importância da memória e de qual(is) modo(s) ela se articula com o sujeito transfronteiriço, tanto na sua individualidade como ligado a uma comunidade, entendendo que as escolhas linguísticas e literárias de cada uma das obras aqui analisadas, não se dão em vão, mas antes, são determinadas pela ligação estabelecida entre recordação e representação/sentido que certa palavra/estrutura evoca. Já no que diz respeito à comunidade, meu *corpus* remete ao comum no incomum. Não há vínculo de pertença, nada que lhes seja próprio como característica, nem mesmo a língua – seja escrita ou falada – já que não se subordina a um sistema de regras gramaticais e tampouco se fecha em um sistema linguístico.

Portanto, ao partir de uma academia que pretende ser latina, plural e livre de intolerâncias e xenofobias, trilho ‘diferentes caminhos’ que não os eurocêntricos convencionais para a escrita de uma dissertação de mestrado. Nesse sentido, opto por escrever este texto em primeira pessoa; por apresentar referenciais teóricos, majoritariamente, latinos ou que venham de espaços como o Sul global e; por manter as citações em *portuñol*, *spanglish*, espanhol e inglês, conforme as suas próprias referências textuais, entendendo que essa é uma oportunidade de translinguar o espaço acadêmico. Apesar de em um primeiro momento parecer contraditório apresentar citações em inglês, demonstro que mesmo essa escolha tem seus motivos. A intenção é partir de um mesmo patamar entre as expressões linguísticas e apresentá-las originalmente, já que por mais

fiel que seja a tradução, sempre se perdem características não ditas. Outro ponto corresponde ao uso do inglês por autores e críticos que transitam por mais de uma língua, mas que decidiram publicar em inglês; por consideração a eles e por entender que esse pode ser, também, um caminho utilizado para penetrar o universalismo imperante acadêmico-científico, sigo com a opção de citações em inglês – que não é tomado com exclusividade no trabalho.

Capítulo 1

TEORIZANDO FRONTEIRAS

Encheram a terra de fronteiras, carregaram o
céu de bandeiras. Mas só há duas nações –
a dos vivos e a dos mortos.
(COUTO, 2006, p. 13)

Talvez seja um pouco utópico e tardio o desejo de uma realidade tal qual descrita na segunda frase dessa citação; uma vez que cada compartimento dessa casa que chamamos Terra, já dispõe de uma bandeira cravada, que institucionaliza territórios e impõe posse política.

Acerca, no entanto, dessas divisões geográficas que denominamos fronteira (aqui se pretende explorar suas muitas acepções), incide o eixo comum existente entre os textos literários que se apresentam nesta investigação. Por esse motivo, se justifica a escolha deste primeiro capítulo como sendo chave para um começo.

Desse modo, com a primeira parte deste capítulo, pretendo iniciar com a desconstrução da fronteira como apenas faixa ou limite de um território geográfico, apresentando diferentes vias teóricas que a concebem como espaço metafórico/simbólico que se relaciona com uma afirmação de uma identidade e literatura fronteiriça em (re)construção. Por esse caminho, a segunda parte deste capítulo está dedicada a explorar especificidades das zonas fronteiriças em evidência. A começar pela que pertence ao autor Fabián Severo, revisita-la histórica e politicamente a fim de entender como essa representação ganha vida na sua poética. Logo após, circunstanciar o embate fronteiriço entre o México e os Estados Unidos e descrever, analiticamente, de qual(is) modo(s) Raquel Valle Senties o materializa na sua obra.

Por último, igualmente importante, busco contrastar conceitos transversais ao termo fronteira, por exemplo, nação, sujeito, diáspora, entre outros, e propor diálogos a partir da discussão teórica desenvolvida até então, bem como possibilidades interpretativas através de poemas selecionados.

1.1 MAIS QUE FRONTEIRAS, TRANSFRONTEIRAS

Antes de começar a articular sobre concepções de fronteira, julgo importante evidenciar que este trabalho carrega em si marcas fronteiriças, uma vez que as vivências me conduziram a ler sobre a fronteira, pensar a fronteira e escrever a partir de uma fronteira, que se tornaram fronteiras. Embora a geografia em que se situa este texto não seja a mesma das quais escrevo, os atravessamentos pelo qual ele foi elaborado, e que só uma região de fronteira me proporcionaria, colaboraram para a aproximação e leitura crítica de cada uma das obras.

Em vista disso, destaco as contribuições de Ángel Rama no que tange às comarcas culturais e literárias que o crítico postula na sua obra *Transculturación narrativa en América Latina* (1982) e, também, no seu ensaio *La novela latinoamericana* (1982). O estudioso pensou criticamente a América Latina com o intuito de elaborar possíveis integrações baseadas nas configurações histórico-culturais dos países latino-americanos, que fossem além dos contatos estabelecidos pela geopolítica. Por tanto, o teórico pensa e estabelece uma divisão do continente por macrorregiões que façam frente às estruturas administrativas, políticas e oligárquicas instauradas pelo imperialismo e o colonialismo, sendo assim, desenvolve o que seriam as comarcas culturais:

Ello [a balcanização] ha dificultado la natural expansión y desarrollo de las comarcas semejantes donde los elementos étnicos, la naturaleza, las formas espontáneas, las tradiciones de la cultura popular, convergen en parecidas formas de creación literaria [...]; así podría hablarse de la comarca pampeana, asociando vastos territorios argentinos, el Uruguay y Río Grande do Sur [sic], donde se ha generado el “gaucho” con sus características cosmovisión y literatura [...] Estas comarcas – no sólo naturales sino también culturales – son desfiguradas por la balcanización política, pero sin embargo deben reconocerse en ellas elementos de suyo tan poderosos como para que hayan sobrevivido, otorgándoles unidad característica, en este siglo y medio de vida independiente, dividida, de América Latina.
(RAMA, 1982b, pp. 49-50)

Discorro este trabalho pautada nessa reflexão proposta por Rama de uma divisão latino-americana em comarcas que proporcionem uma nova possibilidade de mapa para a região. Nesse sentido, tenho o intuito de aproximar dois espaços distantes geograficamente, mas que não deixam de se tocar através das características socioculturais, linguísticas e literárias que emergem semelhantemente.

Com isso, o conceito fronteira em si mobiliza diferentes sentidos, a depender do campo do conhecimento em que se situa. Por exemplo, no âmbito biológico pode significar limitação e comportamento das espécies; na esfera ambiental, diferenciação de ecossistemas; no campo da geografia, linha física/artificial que divide áreas geográficas.

Segundo Sturza (2007), da noção de fronteira advém uma oposição entre uma característica que pode ser, ao mesmo tempo, fixa e dinâmica; ou seja, duas faces de uma mesma moeda. E essa, é uma moeda de troca – que vai além do entendimento monetário – cultural, política, social, linguística e, também, literária. A isso, soma-se o intento de muitos pesquisadores de desvincular os termos fronteira e limite; pois esse, pode ser compreendido como uma linha, distinguindo-se daquele que pode ser uma faixa habitada, dado que essa compreensão dos termos como sinônimos, deu-se com a imposição dos Estados Modernos de ter/manter o controle sobre territórios (BENTANCOR, 2010). Outra perspectiva teórica é a do conceito *Borderlands*:

que denomina un espacio cultural definido por su proximidad a la frontera, es una de las tres traducciones posibles del término “frontera”: las otras dos son border (línea divisoria) y frontier (territorio todavía no conquistado).
(SZURMUK, M.; MCKEE IRWIN, R., 2021, p. 57)

No entanto, a partir da obra *Borderlands/La frontera: The new mestiza*, Gloria Anzaldúa ressignificou esse termo ao acrescentar a noção de gênero e diversidade sexual nesse espaço geográfico de atravessamentos emocionais, simbólicos, identitários e étnicos, que permeia toda a América Latina, mas que na obra faz/fazia referência à fronteira entre México e Estados Unidos. Nesse sentido, por ser uma característica compartilhada é importante refletir sobre a aplicabilidade de mapas como meios pelos quais se pretende (re)afirmar poder(es); uma vez que regulam as configurações nacionais dentro de todo um continente. Benedict Anderson (2008), inclusive, o descreve como sendo um entre três instrumentos – censo, mapa e museu – basilares na formação de uma comunidade imaginada, delimitando territórios e projetando fronteiras. Por meio de ações do Estado essa demarcação se materializa, através de diferentes objetos; sejam eles naturais e/ou artificiais:

[...]
This is my home
this thin edge of

barbwire.

But the skin of the earth is seamless.
The sea cannot be fenced,
el mar does not stop at borders.
(ANZALDÚA, 2012, p. 25)

Interessante refletir em como nesse trecho poético Anzaldúa começa com uma abordagem sobre um arame farpado, um objeto artificial que nos remete à dor, perigo e restrição, mas que, ainda assim, é o seu lar. Contrapondo-se a isso versa sobre o mar, descrevendo a sua imensidão e que diferentemente de muros levantados sobre a terra, sobre as ondas não se sustentam divisas. Além disso, é instigante pensar na potência que a figura do mar carrega e transportá-la para realidade que é o Rio Grande – ou também, popularmente conhecido como Rio Bravo; uma vez que a fronteira física a qual Anzaldúa alude ao longo da sua obra não compreende o mar. Não em vão, recebe esse codinome ‘bravo’ já que isso se deve à razão de que mesmo sendo um rio (uma imagem que aporta significados mais leves e sutis), ele é o quinto mais longo da América Norte, com uma extensão de 3.000 km, desses, 2.000 km são compartilhados entre os limites dos dois países em questão; exibindo uma imagem, por vezes, temerosa e de imponência. Posto isso, importa observar que mesmo sendo uma rota popular de travessia para chegar aos Estados Unidos, há casos de afogamentos, fervedouros e redemoinhos no interior do rio.

De modo a exemplificar, Gláucia Assis (2016) em seu artigo *A fronteira México-Estados Unidos*, fruto de sua tese, relata experiências bem-sucedidas e frustradas de travessia da fronteira, pela perspectiva dos próprios migrantes:

A passagem pela fronteira do México é um evento que marca as trajetórias de homens e mulheres migrantes. A maioria quer esquecer como chegou e apenas “fazer a América”, mas as marcas são, muitas vezes, profundas: a violência dos coiotes, **a dor das famílias que perderam seus filhos afogados** ou perdidos no deserto, os casos de mulheres violentadas.
(ASSIS, 2016, p. 228 - destaque da autora)

As possibilidades de morte são reais, apesar de esse ser um aspecto, por vezes, imprevisível. Mesmo que o transpasse do rio não seja obrigatório ou necessário para se chegar ao outro lado, já que há outras vias de acesso, ele ainda está lá, circunvizinhando a região, realçando a noção de que para seguir adiante, é necessário abandonar, esquecer e deixar que as suas águas carreguem memórias territoriais, culturais e linguísticas. De

modo a complementar, Juan-Eduardo Cirlot, em seu *Diccionario de Simbolos* (1992, p. 389), na entrada de ‘Rio’, propõe a descrição de “Un símbolo ambivalente por corresponder a la fuerza creadora de la naturaleza y del tiempo. [...] el transcurso irreversible y, en consecuencia, el abandono y el olvido.” Por ser ambivalente, pode atingir múltiplos sentidos de influência, já que não é atípica a existência de rios em contextos fronteiriços, tampouco suas representações em textos poéticos. O poema *Disenove*, de Fabián Severo, narra como o rio participa da vida na fronteira:

El río Cuareim camiña nus fundo
 asvés canta, asvés dorme.
 Camiña pra abayo, i se vai, se vai asta noum sei onde.
 Los peye som livre i yo ayo que se van con el río
 se van pra onde ele termiña
 dis que es nu mar
 um lugar aonde la agua noum toca la tierra.
 (SEVERO, 2010, s/p)

Essa, é uma prosopopeia muito bem elaborada e muito significativa, na medida em que o rio é personificado com atividades que lhe são atribuídas com uma perspectiva rotineira, já que os verbos utilizados estão no presente. E, mesmo que não haja explicitamente a palavra ‘fronteira’ no poema, uma leitura possível é a de que os habitantes (os peixes) desse espaço (rio) não tem limitações enquanto ao deslocar-se: ‘Los peye som livre’ e, mais, essas águas fluviais desaguam no mar: ‘um lugar aonde la agua noum toca la tierra’. Esse é o ponto, ao desembocar no mar, não há nenhum contato mais com a terra, que retome a simbologia de barreiras que podem ser criadas.

Nessa mesma lógica, Raquel Senties também explora algumas representações do rio ao longo da sua poética, como é o caso do seu poema *Hasta en la sopa los encuentro*:

Under the scarce shade of a *huizache*
 that lessens *un poco* the burning rays of a mid-afternoon sun,
 I try to paint on the white canvas
lo que ven mis ojos,
 the intense blue *de un cielo sin nubes*,
 the tender green *que estrenan los huizaches*
 in the spring, *la tierra gris dura como clay*,
 the muddy water *del Río Grande*.

A vehicle approaches
 marring the peaceful scene.
 [...]
 A voice that tries to be nice.

“Morning, Ma'am.
 See anybody around here?”
 I look up,
 “Anybody?”
 “You know...illegals.”
 “No and if I had,
 I wouldn't tell you!”
 [...]

(SENTÍES, 2014, pp. 84-85)

Começo pelo título do poema que sugere que a sopa seja o próprio rio e que os migrantes podem ser encontrados em muitos lugares, inclusive ali. E, como ponto em comum, mais uma vez se estabelece uma relação da terra com o rio, já que ela é como o barro e as águas do Rio Grande são lamacentas a ponto de se dissolver no seu interior, mas ainda assim deixar seus resquícios “*la tierra gris dura como clay, / the muddy water del Río Grande.*”.

Contudo, para além de elementos, sejam eles naturais ou artificiais, essas instalações servem como meio de contornar territórios, que acabam operando como uma referência espacial ou, melhor, região fronteiriça. Esse espaço é determinado pelas significações e ressignificações que os sujeitos têm entre si, com seus territórios nacionais e com esse entrelugar, levando em consideração que cada fronteira é única. Entretanto, ao discutir questões fronteiriças não se problematiza só o ponto territorial, mas também a particularização entre os sujeitos, já que há a presença de um ‘outro’ frente a um ‘eu’, que habita um dos lados da fronteira; ou um ‘eu’ que transita pelos dois lados, mas que em um deles se reconhece como ‘outro’: “Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish *us* from *them*.” (ANZALDÚA, 2012, p. 25). Em vista disso, faz-se relevante considerar que em diversas fronteiras latino-americanas há uma intensa circulação de mercadorias e que muitas pessoas fazem um movimento de ir-e-vir em prol da mercantilização desses produtos; logo o que está em evidência não são as subjetividades, nem o que resulta desses encontros culturais, mas sim o capital. Não obstante, mesmo quando a imagem de uma fronteira – por exemplo, a mexicana-estadunidense – é constantemente associada pelo seu forte fluxo migratório, as pessoas ali implicadas seguem tendo seus corpos, vidas e narrativas objetificadas:

It is in a constant state of transition. The prohibited and forbidden are its inhabitants. *Los atravesados* live here: the squint-eyed, the perverse, the queer, the troublesome, the mongrel, the mulato, the half-breed, the

half dead; in short, those who cross over, pass over, or go through the confines of the “normal”.
(ANZALDÚA, 2012, p. 25)

Para aprofundar discussões sobre o par espaço-território, trago algumas considerações teóricas do geógrafo Rogério Haesbaert (2007) que parte da origem etimológica da palavra em uma dimensão material: *terra-territorium*, e também simbólica: *terreo-territor* (terror-aterroizar), com o fim de relacionar o poder/domínio como elemento principal do que é próprio do território. Assim, da mesma forma que a apropriação do espaço pode ser múltipla, a do território também. Nesse sentido, habitar e/ou transitar a região fronteira se constitui como uma forma material e simbólica de apropriação do espaço, repercutindo nas experiências dos sujeitos e o que eles produzem a partir disso. Porque uma vez que a fronteira lhe atravessa, e a isso chamo *fronterizar*, se ganha novos olhares e perspectivas a respeito da vida à margem, que se apresenta como uma

continuidad contradictoria. Estar y no-estar configura la estancia del universo fronterizo. No tan sólo un espacio entre, no tan sólo una mezcla que gesta otra cosa, sino una perpetua dinámica paradójica que sin abolir la contradicción, la sostiene, la reproduce, la potencia y la convierte en continuidad.
(CAMBLONG, 2009, p. 128)

Nesse caminho, os textos literários abordados nesta investigação também trazem diferentes texturas sobre possíveis leituras para a fronteira, ainda mais quando se leva em consideração a concepção de Maurice Blanchot (1987), de que o espaço literário pode ser descrito como um território em que uma multiplicidade de dinâmicas opera e define as ações que se desenrolam, os pensamentos e imaginações que se articulam, as construções estéticas, entre outras. Por isso, ressalto a ideia de que ao transitar por literaturas móveis linguística e culturalmente a própria linguagem se faz intimamente espacial, conforme afirma Gérard Genette (2015, p. 47) “[...] a espacialidade manifesta da escritura pode ser tomada como símbolo da espacialidade profunda da linguagem”.

Em vista disso, a literatura transfronteira, conseqüentemente, ao abordar sobre o que lhe é relativo, seja no campo do geográfico ou simbólico, também apresenta como reflexo suas nuances linguísticas. No entanto, convém reforçar que não há restrições temáticas. Em seus versos são explorados tópicos sobre o sujeito transfronteiro, o ordinário, a pobreza, a infância, a família, entre outros; uma vez que esses temas não são

alheios à cotidianidade fronteiriça e de acordo com o que Anzaldúa retrata, não há necessidade de separar as questões literárias do cotidiano:

In the ethno-poetics and performance of the shaman, my people, the Indians, did not split the artistic from the functional, the sacred from the secular, art from everyday life. The religious, social and aesthetic purposes of art were all intertwined. Before the Conquest, poets gathered to play music, dance, sing and read poetry in open-air places [...]

(ANZALDÚA, 2012, p. 88)

Algo também bastante característico diz respeito aos processos de identificar-se (ou não) com o(s) espaço(s) transitado(s). O poema *Tresi*, de Severo, apresenta um dilema sobre autorreconhecimento por parte do sujeito poético:

Antes,
eu quíria ser uruguayo.

Agora
quiero ser aquí.
(SEVERO, 2010, s/p)

Há a expressão de um rechaço com o vínculo nacional, pois ainda que geograficamente o ‘daquí’ pertença ao Uruguai, resultando em um mesmo território físico, configuram-se como espaços de apropriação distintos. A forma simbólica pela qual o sujeito se relaciona com a fronteira o faz tomar a decisão de ‘querer ser’. Nesse sentido, ‘ser uruguaio’ não é simplesmente um status de cidadania; mas sim um conjunto de práticas sociais e políticas que, para o sujeito, estão em desacordo com a sua perspectiva de existência, visto que “estamos acostumbrados, desde el fondo de los tiempos, a incursiones intempestivas que levantan solemnes muros del soberano ‘ser nacional’” (CAMBLONG, 2009, p. 126).

Por outro lado, no poema *Growing Up En Laredo*, de Senties, o sujeito poético demonstra como há distintos rótulos para uma indefinição do *ser-fronterizo*:

Chicana, Pocha, Tex-Mex,
Mexican-American, Hispanic.
So many labels.
Which one should I use?
They’re all the same to me.
Yo nací en el border.
En Laredo as a matter of fact.

Había pocos gringos.
 They were a minority.
 Hasta la fecha they still are.
 Nadie tenía labels.
 Or I was unaware of them.
 We were all Americans,
 unos güeros,
 otros morenos
 y crecí talking like this
 [...]
 (SENTÍES, 2014, p. 11)

Crescer margeando duas culturas implica em toda uma formação cumulativa que vai engendrando características e especificidades, mesmo em meio a essa indefinição que a fronteira exprime. Dessa forma, para o sujeito poético, as diferentes etiquetas apontam para o mesmo fato, de ter crescido na fronteira e

Habitar la frontera supone instalarse en los decursos de la paradoja. Nuestra lógica pone en crisis la contradicción, la identidad y el tercero excluso, nuestro universo configura otros mundos con dinámicas diferentes.
 (CAMBLONG, 2009, p. 126)

Desse modo, o paradoxo nos convoca a parar de pensar em fronteiras como limites; ou seja, abandonar visões dicotômicas e entender que existem questões geopolíticas, linguísticas, sociais e culturais inerentes e intrincadas nesses espaços, que vão além da simples ideia de outro lado. No entanto, julgo importante destacar que esses assuntos, bem como noções de mobilidade cultural, diáspora e exílio vêm sendo intensamente discutidos e abordados na escritas literárias latino-americanas até então.

Com o propósito de diferenciar alguns desses conceitos, Edward Said, referência relevante para tais indagações, filho de árabes cristãos, nasceu em Jerusalém e migrou para os Estados Unidos, ainda bem jovem, onde completou seus estudos; afirma que o exílio para ele significa “la grieta imposible de cicatrizar impuesta entre un ser humano y su lugar natal, entre el yo y su verdadero hogar: nunca se puede recuperar su esencial tristeza” (SAID, 2005, p. 179). Igualmente, o crítico, como é o caso do expatriado, que chegaria a essa situação por decisão pessoal; da mesma forma o emigrante, com sua possibilidade de escolha e os refugiados que designam um coletivo a quem se concede proteção. Apesar de contrastantes, percebo que tais situações se interseccionam, por exemplo, através da pluralidade no modo de ler o mundo, que agora se abre a explorações

férteis entre o antigo e o novo, memórias e vivências em construção. Embora esses sejam estranhamentos que tocam a todos os contextos elaborados por Said, exponho o porquê de pensar em mais uma categoria, a de transfronteiriço.

Sendo assim, recorro à presença do prefixo *trans-*, pois ele se refere à realidade contínua do trânsito dos sujeitos nesses espaços, pois, ainda que exista uma legislação identificando-os como nativos de um lugar específico, dependendo do lado onde nasceram, o termo fronteira vai mais além e alude, também, a maneira de sentir e experienciar desses sujeitos, convocando-os a que sejam sentipensantes. Nesse sentido,

Las transfronteras no se agotan en trincheras ni en límites infranqueables, ni en espacios inocentes, ni en ilusiones desmontables a voluntad, ni en sitios de horizontalidad, ni en meros encuentros, ni en membranas, ni en la condición porosa de los espacios.
(VALENZUELA ARCE, 2014, p. 9)

Nesse choque entremundos, culturas, línguas, entre outros, os processos sincréticos são constantes e comuns às pessoas transfronteiriças, de modo que, com essa concepção em mente, o *trans-* também é aplicado a uma perspectiva de práticas linguísticas. Ou seja, é uma prática de vida reverberando em diferentes esferas. A partir disso, considero o contexto transfronteiriço como fonte de experiências, trocas e (re)construções identitárias que não estão inscritas em um território delimitado, muito menos em um modelo fixo e estável; uma vez que várias realidades culturais atuam a partir da consciência desse espaço geográfico e seus encontros históricos.

1.2 ENTREMUNDOS

Este subcapítulo está dedicado para descrever relações fronteiriças estabelecidas no interior das obras tanto de Fabián Severo como de Raquel Valle Senties. No entanto, ressalvo que, como poéticas do deslocamento, estão caracterizadas por uma tradição de textos marcados de (re)construções identitárias abrangendo tanto o simbólico como o espacial, provocados por distintas transculturalidades e movências. Nesse sentido, noções espaciais que vão além de territórios e nações conduzem a formas de ressignificação de espaços e identidades, representando o imaginário de mobilidade e de relações com o outro. Portanto, nesse contexto de *entre*, as fronteiras geoculturais são exploradas.

No que se refere ao Severo, julgo importante começar descrevendo a trajetória do autor. Ele nasceu em 1981 na cidade de Artigas, localizada no norte do Uruguai, que limita com a cidade de Quaraí, localizada no sul do Rio Grande do Sul, Brasil. A conexão entre as duas cidades se dá pela Ponte da Concórdia, construída sob o rio Cuareim. O contato entre ambas ocorre sem nenhum impedimento através da passagem dessa ponte; assemelhando-se a muitas outras extensões fronteiriças que o Brasil apresenta com os países vizinhos. Logo, podemos considerar o quão intenso é o fluxo mútuo que se faz pelos meios comercial, cultural e linguístico entre os habitantes dos dois lados.

Imagem 1



(Fonte: [Ponte Quaraí-Artigas | Os Estrangeiros - estrada, fotografia e outras viagens](#) (wordpress.com))

Em 2004, Severo passou a viver em Montevidéu, capital do Uruguai, onde estudou Língua e Literatura no *Centro Regional de Profesores del Norte* (CERP), de Rivera, e onde vive atualmente com a sua família trabalhando como docente. Mesmo não morando mais em Artigas, esse nunca deixou de ser o tema principal das suas obras. É autor de cinco livros, dentre eles: *Noite nu norte: Poemas en Portuñol* (2010); *Viento de nadie* (2013); *NósOtros* (2014); *Viralata* (2015) e, por último, *Sepultura* (2021).

Noite nu norte: Poemas en Portuñol (2010) é o primeiro livro de Severo e, que recentemente, em maio de 2022, ganhou mais uma edição pela Casa Editorial Hum. Esse título é bem geográfico, já que ‘nu norte’ faz referência à região norte do Uruguai, de

onde, inicialmente, o poeta escreve. A obra apresenta uma seleção de 58 poemas escritos em portunhol, em que cada um é identificado em sequência por números cardinais escritos por extenso. Dentre os seus poemas encontramos muitas referências a sua cidade natal e também sobre a vida cotidiana e o falar da sua comunidade. A partir da leitura de alguns de seus textos poéticos, proponho uma análise para essa poesia inovadora escrita em portunhol, pois seria esse um “idioma que todos intenden”, como afirma o próprio Severo (2015, s/p).

Por ser um escritor jovem, interagir em redes sociais, participar ativamente de encontros presenciais e remotos como, *lives*, congressos, programas de televisão, rádios, entre outros, suas falas chegam a ser bem difundidas e compartilhadas. No discurso de inauguração do *Encuentro de Jóvenes Escritores de América Latina y el Caribe*, na Feira Internacional do Livro (2012), em Cuba, define a sua poesia e a forma linguística com a qual escreve:

Un día, quise escribir poemas sobre ciertos recuerdos, pero no encontraba el sonido de mi calle. Los versos se partían como un trozo de tierra reseca, las palabras quedaban lejos de la lluvia que mojaba aquellos días. Entonces descubrí, que debería intentar recrear el sonido de la máquina de coser de mi madre o la sonrisa con que el Caio me invitaba a remontar cometa. Y allí surgió eso parecido al portuñol, palabras torcidas que traían el olor a humedad de la pared de mi cuarto. Del idioma materno son las palabras del afecto, de la ternura, de las emociones, de la pasión. No puedo recrear ni expresar mi pasado sin ellas. Desde que escribí *Noite nu Norte*, un libro de poemas en portuñol, he pasado por muchos interrogatorios que casi siempre comenzaban con la misma pregunta: ¿Por qué escribiste en portuñol? No sé por qué escribo en portuñol. A veces estoy mirando el cielo a esa hora en que se vuelve confuso de color y siento angustia de no saber quién soy. (SEVERO, 2012, s/p)

Pensar a partir dessa ótica me impulsiona a esmiuçar a literatura de fronteira escrita em portunhol, mais especificamente, os poemas de Fabián Severo. São muitos os trabalhos acadêmicos que tomam suas obras como objeto de estudo central ou conjuntamente com outras obras literárias, desde teses (*Portunhol e sua re-territorialização na/pela escritura literária: os sentidos de um gesto político*, de Sara dos Santos Mota; *A escrita em línguas híbridas e a superação da tradição do silêncio dos sujeitos transfronteiriços: uma comparação entre a escrita literária em portunhol e em spanglish*, de Fernanda Arruda Abrantes); dissertações (*Mar Paraguayo y Viralata:*

Exaltación poética del portuñol, una lengua con dinámica propia, de Nayda Katherine Patiño Wandurraga;) e artigos (*A fronteira na poesia de Fabián Severo*, de Juliana Silva Cardoso e Silvina Liliana Carrizo; *Aspectos do portunhol na fronteira Brasil-Uruguai*; de Isabella Mozzillo).

Apesar de os estudos sobre o *portuñol*, na sua grande maioria, abarcarem áreas da Linguística, Sociolinguística e, também, da Educação, os estudos com foco literário ainda são a minoria. Por esse motivo, ressalto a relevância da minha pesquisa, que busca explicar analiticamente e comparativamente sua poética com outro texto literário translíngue e transfronteiriço.

De modo a traçar um diálogo, também reservo este espaço para descrever as relações fronteiriças estabelecidas por Raquel Valle Senties na sua obra. O cenário ao qual ela alude, histórica e internacionalmente ocupa uma posição de bastante notoriedade, já que “The U.S.-Mexican border *es una herida abierta* where the Third World grates against the first and bleeds” (ANZALDÚA, 2012, p. 25).

Não obstante esse é um conflito “*rusted by 139 years*” (2012, p. 24) e que se estende por toda a região norte do México e sul dos Estados Unidos, aqui faço, especificamente, a Laredo, cidade natal de Raquel, localizada no Texas, nos Estados Unidos, que faz fronteira com Nuevo Laredo, no México. E assim como a fronteira sul-americana, há nessa região uma ponte que conecta os dois países, *Puente Internacional Juárez-Lincoln*, construída também sobre um rio, o Río Bravo. Essa, portanto, é a forma oficial de ingresso, no entanto como se sabe, há muitos que atravessam pelo rio.

Imagem 2



(Fonte: [Fronteira dos EUA: imigrantes ilegais do Brasil são vistos como "bem vestidos" \(correiobraziliense.com.br\)](http://correiobraziliense.com.br))

A autora fronteiriça construiu sua identidade cultural baseada em uma ampla gama de expressões artísticas. Formou-se em Licenciatura em Artes pela *Women's University* e conta com muitos prêmios e reconhecimentos no campo das artes plásticas e fotografia. Como também se dedicou à escrita literária, obteve êxito com as suas obras de teatro, por exemplo, *Alcanzando un sueño* e *La mala onda de Jhonny Rivera* e o seu livro de poemas *Soy como soy y qué*. Em 1998, abriu *El Café del Barrio*, onde escritores e amantes de literatura se reuniam mensalmente para compartilhar suas obras. Sua poesia foi publicada por *Expresión y Tiempo*, na Cidade do México, pela *University of Arizona*, *The Americas Review* e *The Mesquite Review*, em *McAllen*, no Texas e *La Frontera of Laredo Community College*. Em 2014, a autora publicou *The Ones Santa Anna Old*, coleção analisada nesta investigação e, em 2022, colaborou com um ensaio sobre herança chicana na obra *A Paht to the World: Becoming You*.

The Ones Santa Anna Sold (2014) é um livro de poemas narrativos escritos em inglês, espanhol e *spanglish* revelando a transfronteiricidade do olhar de uma mulher chicana sobre a (sua) vida na fronteira. Não em vão, recebe esse título – que também é um dos poemas – a fim de registrar poeticamente a história coletiva daqueles que são residentes de um país, mas descendentes de outro; associando assim, a história de formação do México, bem como sua relação conflituosa com os Estados Unidos. Apesar de não haver nenhuma divisão em seções, o livro aborda características e nuances específicas de uma autoficção da vida de Raquel; retrata aspectos da sua infância e vida adulta, seu contato com estadunidenses, sua relação com a fronteira e o desprezo com o qual os chicanos são tratados; os conflitos no relacionamento com seu marido machista e sua relação com alguns familiares. Desse modo, apresenta uma obra elaborada poeticamente por meio de questões pessoais, mas também coletivas e próprias da sua comunidade, que lhe atravessaram ao longo da vida como, por exemplo, o fato de ser mulher chicana fronteiriça.

Isto posto, não há como negar a importância do seu legado poético à comunidade. Contudo, no contexto acadêmico brasileiro não há nenhuma pesquisa publicada até então, seja em artigo, dissertação ou tese que se dedique, inteira ou parcialmente, às obras de Raquel Senties. Nesse sentido, a minha proposta de estudo é inovadora no que diz respeito

aos estudos chicanos, transfronteiriços e translíngues, a partir de uma mulher chicana de Laredo sem nenhuma difusão no Brasil, já que as literaturas femininas e chicanas que mais impulsionam investigações estão atreladas aos nomes de Gloria Anzaldúa, Sandra Cisneros e Cherríe Moraga.

Por esse motivo, estabeleço a esses fenômenos literários um olhar crítico transversal que não pretende situar nem atribuir espaço a tais literaturas, ainda que seja um terceiro espaço, mas sim pensá-las como escritas entremundos, móveis, dinâmicas, variadas e atuando de forma transareal. Em função disso, a pretensão está em atender às mudanças geoculturais e sócio-políticas, bem como seus desdobramentos estético-literários que não são enquadrados em uma perspectiva literária nacional ou mundial (ETTE, 2018).

1.3 NOS/OTROS LATINOAMERICANOS

Ao refletir sobre o que foi exposto anteriormente com base na nossa realidade latino-americana destaco que já na introdução de *Hacia una Historia de la Literatura Latinoamericana*, Ana Pizarro (1987) aborda o dilema etimológico presente na designação ‘América Latina’:

No fuimos latino-americanos desde el comienzo, del mismo modo como el nombre y la idea de América fueron entidades separadas y tardaron en constituirse en esta unidad que también progresivamente ha ido incorporando nuevos territorios.
(PIZARRO, 1987, p. 23)

Além de problematizar a literatura produzida fora de um contexto geográfico denominado como latino-americano, uma vez que a delimitação da área se relaciona de maneira intrínseca com uma perspectiva comparatista; com isso, Pizarro não busca dar uma resposta objetiva, mas pensar coletivamente sobre a genealogia dessas muitas literaturas, suas implicações com o conceito latino-americano e possíveis explicações para um enquadramento historiográfico.

Atualmente, inclusive, pode-se dizer que esses novos territórios fazem referência à incorporação dos países caribenhos ao mundo latino e, por isso, vem se nomeando como ‘América Latina e o Caribe’. Contudo, esse debate que envolve a construção de uma

América Latina tem origem no século XIX, ao contrastar a América anglo-saxônica daqueles originários de povos neolatinos (COUTINHO, 2005). No entanto, essa diferenciação mascara – ou não – a real intenção de seguir sustentando, em um panorama internacional, uma ideia forjada de que somos um Subcontinente, países de Terceiro Mundo, Subdesenvolvidos, em Desenvolvimento, entre outras classificações. Enquanto na prática, esses *status* só se sustentam porque somos comparados com os ditos países Desenvolvidos e de Primeiro Mundo, os mesmos que são colonizadores e imperialistas. Apesar disso, seguimos nos reinventando já que em busca dessa desvinculação tivemos novas possibilidades de nomes-conceitos para o nosso grande continente como, por exemplo, Abya Yala⁵ e Améfrica Ladina⁶. Nessa perspectiva que (com)partilho da afirmação “Con la Valdivia Pre-Colombina desde hace tiempo, ah / Este continente camina [...] / Aquí estamos, siempre estamos / No nos fuimos, no nos vamos” (*This is not America*, Residente, 2022).⁷

É por meio dessa permanência que se faz importante observar todo o percurso discursivo, porque embora haja referências históricas relacionadas à nomeação do continente, os termos ‘América Latina’ e ‘latino-americanos’ foram assumidos, por nós, como forma de resistência e re-existência em relação ao que nos foi imposto. Logo, o que antes expunha uma conotação negativa e dizia respeito a uma ilegítima subalternidade, é ressignificado como afirmação de identidade coletiva. Ser latino-americano é ser pluralidade na unidade.

Essa heterogeneidade tão característica do povo latino, também compreende o campo da literatura, pois ainda que tenhamos processos socioculturais e políticos semelhantes, contamos com sistemas literários de diversos estilos poéticos e narrativos que tornam difícil a organização de uma única historiografia literária latino-americana e, não que isso seja um problema, muito menos uma pretensão. Pelo contrário, a diversidade só reafirma e potencializa a riqueza cultural, literária e linguística que há em nosso meio. Nossa história literária é marcada por variados contextos, escrita em diferentes línguas e produzida tanto dentro como fora do espaço geográfico latino-americano. Por esse motivo, é compreensível pensar a literatura escrita em *portuñol* como pertencente ao

⁵ Termo sugerido pelo ativista e indígena boliviano Constantino Lima Chávez e significa na língua do povo Kuna: ‘Terra madura’, ‘Terra viva’ ou ‘Terra em florescimento’ e é sinônimo de América.

⁶ Esse conceito é cunhado por Lélia Gonzáles como base para uma nova leitura da formação da sociedade latino-americana, complexificando a crítica ao mito da democracia racial.

⁷ Link de *This is not America*: <https://youtu.be/GK87AKIPyZY>

domínio dos estudos literários latino-americanos; já que, *a priori*, entende-se que essa literatura é elaborada a partir da fusão de duas línguas latinas, situando-a assim, como pertencente ao espaço territorial latino-americano.

Por outro lado, o mesmo não ocorre, por exemplo, com o caso da literatura chicana escrita e difundida em território estadunidense. A princípio, concebê-la como latino-americana pode ser complexo, mas entendo que não há limites entre fronteiras. Embora os Estados Unidos não façam parte da América Latina, é conhecida a informação de que recebem um grande número, não só de latinos, mas de outros migrantes que vão em busca de uma melhor condição de vida. Inclusive, no ano de 2019, o Censo dos Estados Unidos⁸ divulgou que, pela primeira vez, a maioria dos adolescentes de 16 anos no país é não-branca e latina e, mesmo o país concentrando um grande número de hispanofalantes, “a pesar de las políticas monolingües, el español es ahora el segundo idioma de facto” (PRATT, 2014, p. 242). Portanto, não incluir literatura chicana ao escopo latino-americano, porque estão escritas em inglês ou em *spanglish*, é limitar-se a estruturas que nos prendem a definições, essencialmente, de cunho político. E, para além disso, “La literatura es, sabemos, patrimonio universal y la experiencia estética no conoce fronteras, pero las obras surgen de una determinada cultura y se insertan en el tejido de la sociedad que las ve emerger” (PIZARRO, 1985, p. 18).

Nesse sentido, busco pensar como as poéticas, anteriormente citadas, apesar dos diferentes contextos, podem ser interpretadas por meio de uma perspectiva de comunidade. Sem deixar, é claro, de dilatar esse conceito que tem apresentado vertentes diferenciadas entre alguns teóricos.

O primeiro a quem faço referência é Roberto Esposito, um filósofo italiano, que reformula criticamente o conceito de comunidade, como sendo um espaço no qual os sujeitos estão vinculados por uma obrigação. Ao repensar a comunidade distante de sua acepção habitual, Esposito (2012, pp. 29-30) recorre ao seu sentido em latim, *communitas* que “es el conjunto de personas a las que une, no una ‘propiedad’, sino justamente un deber o una deuda, conjunto de personas unidas no por un ‘más’, sino por un ‘menos’, una falta”. Logo, a comunidade não remete ao próprio nem a um princípio de

⁸ Link: <https://www.hypeness.com.br/2020/06/maioria-das-pessoas-com-menos-de-16-anos-nos-eua-e-nao-branca-e-hispanica-pela-1a-vez-na-historia/>

identificação, mas sim a uma radical impropriedade que desapropria o sujeito proprietário.

Ao passo que Jean-Luc Nancy, teórico francês que também se debruça sobre o conceito, em seu texto *La comunidad desobrada* (2001), menciona que a comunidade não se dá senão por uma inscrição; compartilhando assim a ideia de Bataille, de uma comunidade que não se deixa pensar fora de uma comunidade literária ou comunidade entre leitores e escritor; e de Derrida sobre sua concepção de escritura. Logo, o que Nancy propõe é um ser-comunitário a partir da singularidade e não da individualidade, onde a incompletude a partir da partilha é o princípio da comunidade, configurando-se em uma comunidade de literatura:

No se trata de otra cosa que de la cuestión del *comunismo literario*, o de lo que he intentado al menos indicar con esta torpe expresión: algo que sería la partición de la comunidad en y por su escritura, su literatura. (NANCY, 2001, p. 53)

Portanto, para Nancy, a comunidade é primeiramente escritural. Desse modo, os textos literários analisados a seguir, refletem a inscrição exposta das comunidades as quais fazem referência.

Por último, mas não menos importante, destaco Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas* (2008), apresentando como pressuposto que as nações são como “comunidades imaginadas”, criadas através de práticas culturais e administrativas dos Estados Modernos, com o fim de que seus sujeitos definam suas obrigações enquanto membros de um grupo – supostamente – homogêneo. Anderson (2008, p. 55) também afirma que o romance e o jornal serviram como “meios técnicos para ‘re-presentar’ o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação”. É exatamente com esse modelo singular e conservador de nação, seja no âmbito linguístico, cultural, social, entre outros, que os textos de Severo e Senties se opõem. As comunidades que se desdobram a partir da fronteira são justamente essa quebra de ideal da nação/comunidade.

Ambos os textos literários remetem a comunidades em que o comum é o incomum. Não há vínculo de pertença, nada que lhes seja próprio como característica, nem a língua – seja escrita ou falada – já que não se subordina a um sistema de regras gramaticais, tampouco se fecha em um sistema linguístico, apresentando-se como uma

língua livre de normalização de um dicionário, por exemplo. Na realidade, o *portuñol* e o *spanglish* são permeados por orientações pessoais e sociais – por vezes afetivas –, fazendo o autor escolher entre esta ou aquela forma linguística, esta ou aquela expressão.

Essas comunidades que são e estão na(s) fronteira(s) ou as que se desenvolvem a partir dela, podem funcionar simbólica e materialmente em termos ambivalentes, pois por mais que sejam fixas e reais também se constituem como fluidas e imaginárias,

visto que o ser-em-comum, ou, em outras palavras, o aberto que as novas formas de manifestação da comunidade exigem – uma comunidade da relação, não do pertencimento, da propriedade –, se despotencializa ao ser fixado em modelos organizacionais preestabelecidos.

(ANDRADE... [et al.]; PEDROSA... [et al.], 2018, p. 78)

A percepção de que vivemos em comunidade começa a se fazer presente já na fase da infância, no entanto, de maneira falha, muitas vezes, criamos uma única perspectiva sobre o que é experimentar o comum. Nesse sentido, Josefina Ludmer comenta sobre a importância da Literatura para desarticular imagens criadas ao se pensar a comunidade/nação. Segundo a autora: “Se [a] América Latina é a ficção de um território que se pode desterritorializar, abandonar e destruir, a literatura deixa de ser manifestação de identidade nacional” (LUDMER, 2013, p. 122). Baseada nisso, penso a América Latina como uma grande comunidade constituída de pequenas comunidades relacionais. Relação que se estabelece em variados graus, no seio de cada pequena comunidade, entre-comunidades e com toda a grande comunidade.

1.4 SER COM-UNIDADE / NAÇÃO

Sob a mesma perspectiva de Ottmar Ette (2016, p. 195) que afirma não existir “caminho melhor ou mais complexo de acesso a uma comunidade [...] do que a literatura”, focalizo nesta seção como as duas obras apesar de apresentarem contextos variados, podem ser lidas pelo viés da comunidade que “está na ordem do dia, tanto como problema quanto como prática” (ANDRADE... [et al.]; PEDROSA... [et al.], 2018, p. 55). E, mesmo que haja um sujeito poético nos poemas selecionados, também podem ser tomadas como lentes da comunidade.

A partir dessa discussão, entendo que os teóricos antes citados, concebem os indivíduos como privados de suas subjetividades e tampouco os consideram como inteiramente autônomos, implicando dizer que há uma socioficção, entendendo que “el individuo no es más que el residuo de la experiencia de la disolución de la comunidad” (NANCY, 2001, p. 17) e que os sujeitos de uma comunidade têm uma dívida e um dever perante ela – isso é o que os une. Portanto, como elaborar essa relação com uma comunidade transfronteiriça, em que o que ao mesmo tempo divide, também une? Logo, interessa-me analisar as possibilidades de sentidos no poema *Trintitrés*, de Fabián Severo:

Us miércole, con los gurí da Josefa
nos ía nel culto da esquina
onde nos davan yocolate caliente i gayetita María.
Yo sabía todas las cansión i cantava bein alto
porque quiría ser músico cuando fose grande.
Mi padriño me disía
que güela tu tein Yiribibe, tiscutamo todo el culto.

Los dumingo yo iva solito en la misa
alí no davan nada de comer
mas como yo también quiría ser padre
yo iva mirar la jente arrodiyada, resando
i pensava en ayudar toda esa pobre yente.
Sabía la misa de memoria
i iva repitindo en vos baja junto con el cura.

Mas lo que me gustava mismo
eran las fiesta de los Ogún nu terreiro da Elisa.
La Main me disía tudo lo que me pasava i iva pasar.
Avía música, baile i muinta cumida
banana, choriso con miel, porco asado,
asvés asta yevavan guaraná.
Eu gostava aunque no sabía las música
porque eran difísil.

Una volta, la Main me dise que mi santo es Yangó
Santo da yustisa i da sabedoría.
Desde intonses, antes de durmí
yo le pido forsa, lus i protesión.
Noum sei si ele me da.
(SEVERO, 2010, s/p)

Começo esta análise com as palavras de Esposito (2012, p. 16) “El ser-en-común se define y se constituye por una carga, y en último análisis no está a cargo de otra cosa sino del mismo *cum*. Estamos a carga de nuestro *con*, es decir, de nosotros.” É interessante pensar como o conceito de *sincretismo* pode ser somado a essa discussão, já que apresenta

essa ideia de junção, fusão de filosofias, ideologias, sistemas sociais ou elementos culturais diversos. São essas as imagens reveladas pelo poema presentes na(s) fronteira(s) e na(s) comunidade(s).

A comunidade transfronteiriça é o lugar que divide, mas também une, e quando se trata desse choque entre culturas e línguas, os processos sincréticos são constantes e comuns aos transfronteiriços. Contudo, no poema, posso destacar que o sujeito poético assiste a cada uma dessas cerimônias, que acontecem separadamente. Ou seja, o sincretismo aqui se dá por parte do sujeito poético, uma vez que tais cerimônias não incorporam nas suas respectivas dinâmicas os rituais das demais. Entretanto, realizam suas práticas religiosas todas simultaneamente, na mesma comunidade, e com certa frequência: “*Us miércole*” e “*Los dumingo*”.

Diante disso, reflito sobre as questões retratadas nesse poema, em paralelo com o trecho do *Indiccionario do Contemporâneo* no seu verbete sobre *Comunidade*:

Vem se gestando e desdobrando um trabalho intelectual conjunto a respeito da noção de comunidade que desloca a concepção tradicional dos laços comunitários, no que se refere aos **signos ou atributos de pertencimento e propriedade (língua, religião, raça, nação etc.)**, concepção esta que muitas vezes impede o pensamento sobre o comum da comunidade de ter em conta a singularidade da diferença. (ANDRADE... [et al.]; PEDROSA... [et al.], 2018, p. 59 - destaque da autora)

Pertencimento e propriedade são temas de discussões dentro dos estudos sobre fronteira e segundo Severo, no poema *Treis* (2010, s/p): “ein Artigas / viven [...] / Los Se Ninguéim / como eu / semo da frontera / neim daquí neim dalí / no es noso u suelo que pisamo / neim a lingua que falemo”. Desse modo, nada lhes pertence, nem língua, religião e nação lhes é próprio. Logo, o determinante para a comunidade é o impróprio e não o próprio. Ou seja, o comum só é caracterizado no outro (que está fora da comunidade), por esse motivo faz-se necessário lidar com o estranhamento, já que para Esposito somos sujeitos finitos dentro da *communitas*.

Em sequência ao que tem sido explorado, destaco o poema, *Laredo*, de Raquel Senties que em muito conversa com essa temática:

¡Te odio! ¡Te amo!

Odio your dusty unpaved
streets and blistering days
of a never ending summer.

Amo *tus* fiery sunsets that tint
el cielo with burnished copper
streaked with peach and purple.

Odio the dry parched *tierra*
open cracks waiting for rain
like baby birds waiting for worms.

Amo the Depot District *con*
sus stately mansions, decaying
dowagers remnants of a bygone era.

Odio la cloaca the *Río Grande*
has become...thick, fetid, murky
like the slop pails of long ago.

Amo the nearness of *México*
divided by a border,
united by our *raíces*.

Odio *el* downtown, what we have
made of it, an old harlot whose beauty
no amount of paint can bring back.

Amo *las* purple bougainvilleas,
whose vivid color
brightens patios all year round.

Odio los cadillos that
stick painfully to my bare feet
and the weeds that never die.

Amo your Tex-Mex culture
where *hablar español*
is an asset not a liability.

Odio the spray painted fences
zombied messages of decadent youth.

Pero more than anything Laredo,
amo your people,
mi gente, a pesar de sus defectos,
por sus muchas cualidades
que te aman y te odian como yo.
(SENTÍES, 2014, pp. 80-81)

Esse é um poema dedicado, principalmente, às características físicas de Laredo, como, por exemplo: ‘dusty unpaved streets’, ‘*tus* fiery sunsets that tint / *el cielo*’, ‘the dry

parched *tierra*’ entre outros. Mas ao partir do pressuposto que comunidades são formadas por pessoas que transformam, formam e vivem esse ambiente, o poema também realça ações humanas, como: ‘Amo the Depot District com / sus stately mansions’, ‘Odio el downtown, what we have/ made of it’, ‘Odio the spray painted fences / zombied messages of decadent youth.’ Desse modo, é possível afirmar que esse poema se constrói a partir de uma metalinguagem, uma vez que versa sobre o seu próprio referente.

Com base na concepção de um sujeito poético oscilante, se traduz a emergência de conflitos presentes em uma comunidade transfronteiriça que, ao ser fruto da intersecção entre nações, está sujeita a despertar nos seus, entendimentos e sentimentos divergentes entre si, que são apresentados ao longo de todo o poema, alternadamente, a começar pelo primeiro verso ‘*¡Te odio! ¡Te amo!*’, que, inclusive, a princípio instiga expectativas dúbias no leitor, despertando a sensação de que se trata de pessoas. Mais ainda, mesmo que esteja escrito em primeira pessoa do singular, revelando uma experiência mais íntima, também projeta uma adesão coletiva ‘*te aman y te odian como yo*’. Sobre isso:

Heidegger é o pensador que afirma com maior veemência que o momento verdadeiramente autêntico de nossa existência é a consciência madura de nossa inautenticidade originária. Isso implica dizer “que a incompletude, a finitude, não é o limite da comunidade”
(ANDRADE... [et al.]; PEDROSA... [et al.], 2018, p. 57)

Nesse sentido, essa comunidade expressa uma total ‘inautenticidade originária’ apresentando relação com a sua formação por diferentes povos: ‘*amo your people*’; seus cruzamentos linguísticos: ‘where *hablar español* is an asset not a liability’ e sua pluralidade cultural: ‘*Amo your Tex-Mex culture*’. Não obstante, sua finitude não é capaz de limitá-la, já que sua característica é ser: ‘divided by a border / united by our *raíces*’.

Por meio dessas considerações, torna-se mais desenvolvida a noção de que a instabilidade em territórios fronteiriços se reflete na linguagem poética e na construção de significados, ao mesmo tempo que segue constituindo novas formas de relação com o que já estava posto. Consequentemente, a partir de estranhamentos e alteridades, os deslocamentos não se dão só no enredo textual, mas também no plano estético, o que torna perceptível que há múltiplos trânsitos na poesia. A propósito dessas questões, discorro o capítulo seguinte.

Capítulo 2

TRÂNSITOS LINGUÍSTICOS & LITERÁRIOS

Na atual relação dramática entre as línguas,
da mesma forma como não escrevo
mais de maneira monolíngue, não posso
mais defender minha língua
de maneira monolíngue.
(GLISSANT, 2005, p. 50)

Instigante pensar nessa epígrafe de Édouard Glissant e não se questionar: Por que eu preciso defender a minha língua? Contra quem ou o que eu preciso defendê-la? Como não escrever de maneira monolíngue?

Historicamente, a língua serviu como instrumento de dominação para muitos povos e, mesmo em um contexto transnacional, ainda denota um instrumento de poder que funciona como um pilar sustentando a cultura e a suposta identidade nacional. Portanto, não é a partir de uma perspectiva monolíngue que pretendo elaborar a minha análise, mas antes refletir já do pressuposto que nossas relações se (re)constroem em mundo de intensos trânsitos políticos, sociais, culturais, mas também, linguísticos. Não há como escapar dessa fluidez que nos atravessa, porque mesmo sendo falantes de uma só língua, a contemporaneidade não permite que sejamos monolíngues. Ao levar em consideração espaços fronteiriços, esse fenômeno se potencializa.

No entanto, não deixo de considerar que ainda hoje, “el lenguaje se vuelve un criterio de control sobre quién pertenece y quién no” (BUTLER, 2009, p. 84). E nesse limbo do pertencimento, mora a exclusão que recai, principalmente, sobre os sujeitos transfronteiriços – meu foco de estudo nesta investigação.

Nesse sentido, ao longo deste capítulo, em primeiro lugar, pretendo descrever, brevemente, a presença tanto do *portuñol* como a do *spanglish* na América e algumas das suas implicações históricas resultantes desses trânsitos linguísticos. Em seguida, discutir a partir de ambos a conferência do status de língua e essa relação com um Estado-nação. Por último, mas não menos importante, analisar como as questões linguísticas ganham espaço em obras literárias.

2.1 TRANSLINGUISMOS: *PORTUÑOL* & *SPANGLISH*

A linguista Consuelo Lagorio (2011, p. 201) afirma que “as atribuições de valor, as representações e, em geral, os discursos sobre as línguas fazem parte do campo que se conhece como ideologias linguísticas”. A esse respeito, pondera, ainda, que há qualificativos que são aplicados às línguas e estão, intimamente, relacionados a um consenso social e a conceitos previamente estabelecidos. Para a autora, as representações veiculadas de uma língua na coletividade, geram consequências nas formulações dos imaginários dos próprios falantes. Segundo Calvet (2004), essa subordinação determina juízos de valor sobre línguas, modos de falar e condutas linguísticas. Em vista disso, considero necessário refletir acerca dos fenômenos linguísticos em questão, tanto o *portuñol* como o *spanGLISH*.

Sobre o termo *portuñol* – *uma língua sin dueño* –, com fins de distingui-lo e delimitá-lo, de acordo à perspectiva deste trabalho, considero que essa designação recobre diferentes práticas linguísticas em diferentes espaços geográficos e, nem sempre, remete a uma mesma relação entre os sujeitos. Por essa razão, é possível encontrar diferentes grafias como, por exemplo: *portunhol*, *portuñol* e *portuñhol*. Com o objetivo de alinhar ao que o próprio autor da obra analisada nesta investigação propõe, utilizo, no decorrer do trabalho, a grafia *portuñol*. Contudo, a possibilidade de escrita com esses três modos – que revelam muito mais que um estilo ortográfico – não significa que seja um assunto bem difundido; pelo contrário, ainda se observa uma expressiva rejeição e desprezo em torno ao tema.

A propósito, no dia 29 de outubro de 2022, estando acompanhado do ex-ministro e senador eleito Sergio Moro, o então presidente da república Jair Messias Bolsonaro, durante uma entrevista coletiva à imprensa, logo após uma pergunta realizada por um jornalista português, afirmou não ter entendido a indagação. Em resposta, o repórter disse que poderia repetir a pergunta e isso deu início a um diálogo⁹:

Presidente: – Você vai repetir e eu vou continuar não entendendo, tá?
 Eu não falo espanhol nem portunhol.
 Repórter: – Eu não falo portunhol.
 Presidente: – Me desculpa aqui, mas eu não falo. [...]

⁹ Link da entrevista coletiva à imprensa: https://youtu.be/c76phE0_o9I

Ao observar o vídeo da entrevista não há como deixar de perceber o tom cínico usado por Bolsonaro na sua fala, já que quando questionado pelo repórter sobre a possibilidade de que a pergunta fosse repetida, disse que não era necessário – demonstrando ao respondê-lo que, na verdade, não havia tido problema nenhum de compreensão. Semelhante a isso, um quesito a ser considerado é que Bolsonaro usou pejorativamente, com o intuito de ofender o jornalista, o termo portunhol (assim foi escrito em legendas dessa entrevista), como uma justificativa da sua não familiaridade com o português europeu e uma tentativa de esquivar-se do questionamento. Não há desculpas para o seu escárnio, pois sua fala externou completamente seu preconceito linguístico. Esse acontecimento só reforça o seu despreparo para a função exercida e o seu total desconhecimento linguístico, que de igual forma é lamentável – uma vez que também disse que não falava espanhol. Mais um aspecto a ser destacado, tendo em vista que o Brasil é um país que se relaciona, em muitos sentidos, com tantos outros de fala hispana. Contudo, essa é uma conduta que infelizmente se espelha na sociedade, há um senso comum depreciativo em relação ao portuñol e esse é um dos motivos que fortalece e demonstra a relevância da escrita desta dissertação.

Dessa forma, a associação a um domínio insuficiente de uma ou outra língua, caracterizada pela ‘mistura’ entre o português e o espanhol é associada ao termo portunhol (ou portuñol) referindo-se, frequentemente, ao sujeito que se encontra em processo de aquisição linguística e apresenta dificuldades quanto à aprendizagem de uma das línguas. Calvet (2012, p. 33) afirma que “se não há uma terceira língua disponível, e se os dois grupos têm necessidade de se comunicar, eles vão inventar para si outra forma de língua aproximativa, geralmente uma língua mista”. Dessa forma, outra possibilidade de emergência do portuñol ocorre, constantemente, entre estudantes brasileiros e estrangeiros no contexto informal da Unila ou, inclusive, nas relações entre brasileiros e paraguaios no âmbito comercial.

Entretanto, a fim de localizar espacialmente o portuñol com o qual estou trabalhando, faço um recorte geográfico destacando suas origens históricas. Logo, enfatizo que a intersecção linguística da qual advém os textos literários que investigo, ocorre entre Brasil e Uruguai, mais especificamente, entre as cidades de Quaraí e Artigas, respectivamente. A esse respeito então, sobressai a pergunta: Onde surgiu o *Portuñol*?

Os primeiros estudos realizados por José Pedro Rona, em 1957 e publicados em 1965, orientavam-se em bases conceituais da Geografia Linguística, em que ao destacar as ocorrências fonêmicas e fonéticas, o autor identificou como sendo do *Dialecto Fronterizo* de caráter *mixto* os quais lhe permitiram localizar o grau do contato linguístico do espanhol com português em cada zona da fronteira Brasil-Uruguai. Já o linguista Adolfo Elizaincín (1979, p.15) afirmava que se tratava de “un dialecto lusitano que evidencia fuertes influencias del español tanto en fonología, como en morfosintaxis, léxico y semántica”.

Como parte de uma continuidade colonial no território sul-americano, essa também era uma questão de disputa e, a esse respeito Luis Elizaincín Behares (1984, p. 12) afirma que “a língua portuguesa veio antes da fronteira e, ademais, na época da Colônia – séculos XVII e XVIII – e o último quarto do século XIX, o contingente populacional luso-brasileiro era superior ao espanhol”. Isso, diretamente, me leva a pensar nos muitos efeitos do colonialismo na América Latina, entre tantos, foi nos sujeita a ideia das supostas identidades nacionais, em que Stuart Hall (2006) critica dizendo:

não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial [...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.
(HALL, 2006, pp. 47-48)

É inegável pensar em como a língua serviu de instrumento para homogeneização da diversidade cultural de uma nação e para a constituição de um *ser* + nacionalidade. Quanto a isso, Sturza (2006) detalha como o Uruguai também se encaminhou por esse viés, através de tentativas de apagamento das características linguísticas presentes na sua zona fronteira:

Representando uma ameaça potencial à soberania uruguaia, a presença massiva da língua portuguesa no norte do Uruguai foi tratada, nesse período, como o principal problema fronteiriço. O nacionalismo político impulsionou o surgimento de diversos projetos de orientalização da região, buscando fazê-la mais uruguaia; portanto, menos brasileira.
(STURZA, 2006, p. 20)

Atualmente, estudiosos uruguaios baseados em uma Lei de Educação Geral, promulgada em 2008, denominam esse trânsito linguístico como *Portugués del Uruguay*, validando-o como uma variedade oral do português em território uruaio.

Interessante como a literatura tem a capacidade de expressar as mais íntimas relações através da linguagem e, também, sobre a linguagem. Em seguida, apresento o poema *Des*, de Severo:

Miña lingua le saca la lengua al disionario
baila um pagode ensima dus mapa
i fas com a túnica i a moña uma cometa
pra voar, livre i solta pelu seu.
(SEVERO, 2010, s/p)

Esse é um poema que faz da língua um agente das ações. O primeiro verso é bastante significativo, na medida em que aborda a ideia de *‘sacarle la lengua a alguien’*, já que a depender do contexto, essa expressão pode significar um ato de escárnio, irreverência, rebeldia, entre outros. Nesse sentido, se torna ainda mais expressivo porque a língua do sujeito zomba da língua do dicionário (inclusive, no poema, o autor as escreve de maneiras distintas, reforçando essa distância), desvinculando-se de qualquer tipo de normatividade, como se desse vida ao que no dicionário estaria morto. Sobre esse tema, Flávia Zanatta (2009) explica que quando o falante busca uma orientação para o uso da língua, se sente muitas vezes desconfortável ante uma atitude prescritiva, pois encontra uma norma que é apresentada como padrão, mas que diverge da sua realidade linguística. Já no segundo verso, além de questões linguísticas, a língua desse sujeito também se associa a expressões culturais, como a música. O ‘pagode’, independentemente de ser um ritmo musical típico do Brasil, é compartilhado. E, por último, a liberdade linguística que a língua mesmo, nesse caso, se proporciona, uma vez que prepara a sua túnica para voar como uma pipa. Essa metáfora, em muito, pode relacionar-se à fala de Maria Antunes (2007) quando discorre sobre variação linguística que, segundo ela,

aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas. E, como tais, são condicionados por esses fatores.
(ANTUNES, 2007, p. 104)

Nessa mesma perspectiva de entendimento, Marcos Bagno (2011, p. 355) assegura que “o conceito de língua não é o mais fácil de se definir”, já que, por exemplo, as perspectivas de uma comunidade de fala e de especialistas sobre um mesmo fenômeno linguístico e vice-versa, podem variar. Por esse motivo, conceituar o que é o *spanglish* – *neither español ni inglés, but ambos* – pode resultar em uma tarefa extensa, pois ainda há muitas discordâncias em relação às suas definições. Entre elas, estão os que o classificam como uma gíria ou variedade do espanhol; como um pidgin ou crioulo e, também, como um dialeto. No entanto, neste tópico, não busco decidir por uma dessas definições como sendo a mais acertada, mas sim, apresentar, brevemente, alguns conceitos linguísticos em torno a esse fenômeno: o *Spanglish*.

Desse modo, parto do indiscutível que é o contato entre ambas as línguas – o inglês, o espanhol e suas variedades – que pode estar associado a distintos ‘produtos linguísticos’: i) A adaptação lexical ou de frases de uma língua para outra em nível fonológico, morfológico e/ou morfo-fonológico; ii) A adaptação de alguns elementos lexicais ou frasais de uma língua para outra semanticamente e; iii) O fenômeno de code-switching ou uma fusão governada por regras sintáticas dos dois idiomas.

Ao mencionar empréstimo linguístico, tomo por base seu bi-direcionamento, ou seja, palavras de origem inglesa ou espanhola são emprestadas do léxico de uma das línguas, mas pronunciadas com as regras fonológicas da outra. Na maioria dos casos, é possível observar que estas palavras têm de fato um par mínimo (palavra equivalente traduzível) conhecido pelo falante no outro idioma. Entretanto, por razões de associação, efeito, ênfase, etc., o falante decide no momento da fala simultânea adaptar a palavra de um dos idiomas, sobrepondo-se à fonologia do outro. Quando empréstimos desse tipo ocorrem, também assumem uma mudança fonológica, bem como uma reorganização morfológica das palavras para se enquadrar dentro dos paradigmas da outra língua.

No entanto, além das adaptações lexicais, o que se percebe é que diante de situações sociocomunicativas os sujeitos alternam e/ou mudam as línguas. Por esse motivo, muitos pesquisadores também nomeiam esse ‘fenômeno linguístico’ como *code-switching* e *code-mixing*. O primeiro caso, diz respeito à alternância de idiomas entre frases; já o segundo, refere-se à inclusão de palavras e/ou estruturas, na mesma frase, do inglês para o espanhol ou vice-versa. Segundo a linguista Penelope Gardner-Chloros (2010, p. 193), é mais provável que entre imigrantes, minorias regionais e nativos multilíngues se dê o *code-switching* porque suas variedades “may stabilize when they

assume an identity function. They are often characteristic of young second-generation immigrant communities which develop a pride in their mixed identity”.

Por conseguinte, concordo que o *Spanglish* seja um fator de união entre os falantes hispânicos nos Estados Unidos com um papel crucial na (re)construção das suas identidades e potencializando a coesão interna da comunidade ao re-forçar sua identidade étnica através da língua:

Ethnic identity is twin skin to linguistic identity – I am my language. Until I can take pride in my language, I cannot take pride in myself. [...] Until I am free to write bilingually and to switch codes without having always to translate, while I still have to speak English or Spanish when I would rather speak Spanglish, and as long as I have to accommodate me, my tongue will be illegitimate.
(ANZALDÚA, 2012, p. 81)

Nesse sentido, não consinto com a noção que ainda vigora de deficiência linguística, muito pelo contrário; considero como inteligência linguística essa que, conscientemente, gera combinações criativas e dinâmicas resistindo, re-existindo e re-inventando o falar cotidiano, nas músicas, nas mídias sociais e nas literaturas. Logo, entre os hispanos, em distintos estados estadunidenses, pode-se encontrar várias situações de trânsito linguístico em diferentes níveis; por isso, há uma dificuldade de classificação entre os linguistas devido à ausência de uma variante definida, já que há ocorrências próprias de/entre determinados grupos. A partir dessa diversidade, surge o questionamento: Onde surgiu o *Spanglish*?

Há, no meio acadêmico, duas teorias que explicam a origem e a difusão do *Spanglish*: Sucintamente, uma está relacionada aos conflitos que se deram após a assinatura do Tratado de Guadalupe-Hidalgo (1848), entre México e Estados Unidos, e a outra associada à invasão estadunidense à ilha de Porto Rico (1898).

A primeira vertente aborda essa questão como sendo uma consequência das relações transfronteiriças, bem como da tomada estadunidense a muitos estados mexicanos, durante o governo de Washington em 1848 e, sobre isso Anzaldúa disserta:

In 1846, the U.S. incited Mexico to war. U.S. troops invaded and occupied Mexico, forcing her to give up almost half of her nation, what is now Texas, New Mexico, Arizona, Colorado and California.

With the victory of the U.S. forces over the Mexican in the U.S.-Mexican War, *los norteamericanos* pushed the Texas border down 100 miles, from *el río Nueces* to *el río Grande*. [...] Separated from Mexico, the Native Mexican-Texan no longer looked toward Mexico as home; the Southwest became our homeland once more. The border fence that divides the Mexican people was born on February 2, 1848 with the signing of the Treaty of Guadalupe-Hidalgo. It left 100,000 Mexican citizens on this side, annexed by conquest along with the land. (ANZALDÚA, 2012, p. 29)

Com isso, inicialmente, houve um processo de transculturação no que se refere às transferências de práticas culturais, já que havia uma relação de poder assimétrica. E, segundo Silvia Betti (2009), as gerações seguintes de chicanos começaram a pronunciar palavras em inglês com a fonética do espanhol e, assim, esse entrecruzamento linguístico ficou conhecido como *Spanglish*. Por outro lado, a relação com Porto Rico se estabelece através do status de ‘Estado Livre Associado’ e a oficialidade tanto da língua espanhola como da língua inglesa no país. Ed Morales (2002) afirma que Porto Rico é a primeira nação *Spanglish* da América e, ainda nessa perspectiva, considera-se que a crescente migração de porto-riquenhos à Nova York tenha contribuído para o surgimento do *spanglish* tanto nos Estados Unidos, como em Porto Rico, quando alguns migrantes decidiram voltar ao país.

Portanto, alguns termos são resultado dessas muitas possibilidades como, por exemplo, “Nuyorican”, “Tex-Mex” e “Spanglish”; levando em consideração que cada um ecoa traços político-ideológicos, culturais e linguísticos de seus falantes. A respeito desta dissertação, caminho ao encontro de muitos dos textos referenciados aqui e do *corpus* literário que nomeia como *Spanglish* o trânsito linguístico proveniente do espanhol e do inglês, que está além meramente de aspectos linguísticos:

Es una modalidad expresiva que ha permitido y permite a una parte de latinos expresarse a su manera, dar una voz híbrida entre un mundo y otro, un modo de identificarse también para algunos hispanos cultos que hacen del spanglish un modelo cultural, además de una herramienta lingüística. Los medios de comunicación como la radio, la televisión, la prensa escrita, la música, así como el cine y la literatura, y actualmente Internet (con términos del inglés, pero con pronunciación o fonética española, que algunos investigadores definen cibernspanglish o cyberspanglish) han permitido al spanglish difundirse y, en cierto sentido, ‘uniformarse’ y pasar de ser un fenómeno solo oral a una forma comunicacional también escrita. (BETTI, 2011, p. 47)

Sobre essa questão é interessante analisar como Sentíes, no seu poema *Eavesdropping* aborda a questão do uso da(s) língua(s):

I hate Laredo!
Me too.
 It's like another world.
Yeah, a third world.
 Laredo has the worst of both countries.
Yeah.
 All this Spanish mumbo jumbo
 makes me puke.
 Prob'ly bad-mouthin'us!
 Oughta go back to their own country
 if they wanna talk their lingo.
Yeah.
 Can't even get a job in the damned
 town if you're not bi-lingo.
Yeah.
 [...]
 (SENTÍES, 2014, p. 82)

Nesse poema, os sujeitos poéticos dialogam sobre Laredo estar sendo ‘invadida’ por mexicanos/latinos e, como resultado, começar a apresentar traços culturais que revelam o que há de pior nos dois países. Ainda se posicionam de forma preconceituosa “Oughta go back to their own country / if they wanna talk their lingo” manifestando rechaço em relação à presença dos estrangeiros. Além disso, estabelecem uma relação de causa-consequência, em que o fator linguístico, baseado em uma falta de proficiência no inglês, ocasionaria a incapacidade de se conseguir um emprego. Dessa forma, a língua estaria sendo pensada como meta para uma ascensão social, ao mesmo tempo, em que discriminatória.

No tocante a isso, há uma impressão de que escrever tanto em *spanglish* como em *portuñol* coloque, automaticamente, tais textos, em uma caixa de curiosidades literárias, que sutil e consequentemente colabora para a manutenção de preconceitos, tanto literário como linguístico, exibindo um distanciamento, entre essas duas áreas de estudo, que há tempos vêm sendo (re)afirmado como uma necessidade na academia, validando apagamentos de memórias culturais, linguísticas e literárias.

2.2 ESCRITAS TRANSLÍNGUES

Nesta seção começo decifrando que os trânsitos linguísticos não são simplesmente resultado só de proximidades territoriais/geográficas; decorrem muito mais do modo em como esses sujeitos se apropriam de potências linguísticas provenientes de espaços simbólicos, culturais e identitários; se constituem como uma via de percepção do mundo e, desse modo, poder ser e agir.

Nesse sentido, me pauto, em certa medida, na noção de relatividade linguística e na hipótese de Sapir-Whorf. Segundo Adan Phelipe Cunha (2011), Edward Sapir e seu discípulo Benjamin Lee Whorf não são os precursores nem os únicos a tratar do tema, no entanto, suas contribuições e estudos continuam recebendo uma posição de destaque na área da Linguística. Brevemente, essas teorias propõem que: i) a língua funciona de maneira determinante em como vemos o mundo, tal qual nos relacionamos com ele; logo, ii) cada língua possibilita uma perspectiva e comportamento diferentes. Apesar de reconhecer e saber que há muitas falhas teóricas, fundamentos refutados e descartados, bem como princípios questionados; coincido com o entendimento de que há categorias linguísticas que atuam na cosmovisão de mundo de um sujeito e de uma comunidade; sendo a língua, desde a infância, um dos meios mais significativos pelo qual se apreende a cultura local (DEMICHELI SAMPAIO, 2018).

Por esse motivo, ao fazer uso de mais de uma língua durante suas práticas sociocomunicativas, sem perder de vista o contexto aqui trabalhado – o transfronteiriço –, os sujeitos ampliam suas formas de pensar e lidar com novas vivências. Aqui, entretanto, não pretendo fazer com que caibam visões dicotômicas de categorização de línguas e experiências, longe disso; minha intenção é que no transpasse de ambas, transborde a *border*. Essa produção em muito se relaciona a saberes, experiências, conhecimentos (com)partilhados, afetos, conflitos, práticas linguísticas e literárias. Em se tratando de literatura, é pertinente trazer para o debate que são diversas as maneiras pelas quais o translinguismo é expresso, porque diversas são as formas pelas quais os sujeitos são fronteirizados. Alguns nascem, vivem e morrem na região fronteiriça, sendo ela parte do começo, meio e fim; mas há também os que são atravessados pela fronteira em algum ponto da trajetória de suas vidas. No entanto, nenhum desses percursos diminui a relevância que a fronteira exerce em cada sujeito.

A esse respeito, no texto *Palabras nómadas: los nuevos centros de la periferia* (2010), Fernando Aínsa busca nominar escritas que se constroem no trânsito, ou seja, contextos em que autores se sentem desvinculados das limitações impostas pelas

fronteiras nacionais e não apresentam um reconhecimento de pertença a territórios geográficos e culturais, normatizando, assim, o aspecto nômade em suas percepções espaciais. Uma noção que associa a isso é a de *homo viator*, indicando a vida como uma viagem de autoconhecimento.

Por essa razão, é importante entender que ter raízes em mais de um lugar ou resolver fincá-las em outro, não resulta ser tão fácil e rápido, pois muitas são as questões intrincadas na saída-trânsito-chegada. E segundo Elena Palmero González (2019, p. 99), as vivências que advém desse transcurso se conectam à medida que estão baseadas “num processo dinâmico de trocas culturais que, pelo seu caráter híbrido, não se encontra circunscrita a fronteiras étnicas ou nacionais”. A isso, soma-se a diferença dos sujeitos transfronteiriços sul-americanos – descritos ao longo deste texto – e dos latinos nos Estados Unidos que vivem múltiplos espaços de enunciação do *spanglish*, já que a zona fronteira se estende para o interior do país, de forma indiscriminada, à medida que migram e fixam moradia em diferentes estados dos Estados Unidos. Nesse sentido, entendo que a relação sujeito-escrita pode ser uma chave de interpretação para a relação sujeito-fronteira.

Inclusive, a respeito de não haver um único modo de expressão do translinguismo, González (2019, p. 103) defende que “é possível pensar em graus de encontro de línguas em um único texto. Esse leque pode ir da escrita que alterna duas línguas bem delimitadas [...] à gradual integração de línguas”. Sobre esse argumento, a autora escreveu um capítulo na obra *Translinguismo e poéticas do contemporâneo* (2019), elaborada conjuntamente com outros autores que estudam as gradações de trânsitos linguísticos em diferentes textos literários, a partir de perspectivas transculturais e transdisciplinares:

A presente obra escancara as portas para o *transdisciplinar*, inaugurando o ir além, o atravessamento das disciplinas, deixando de visar o consenso, para mirar no dissenso, que oportuniza a criação de objetos culturais e linguísticos novos.
(BERND, 2019, s/p)

A respeito do translinguismo pensado a partir das letras latinas, as contribuições teóricas de González têm sido muito relevantes, especialmente pela ampliação desse conceito, bem como a elaboração da noção de *poéticas do deslocamento*, central para compreender produções literárias baseadas nos novos cenários de mobilidade e prática

cultural. A autora e crítica se dedica à literatura de latinos residentes nos Estados Unidos, principalmente cubanos; no entanto, o conceito se expande à medida que há outras vivências latinas nessa conjuntura. A propósito disso, é antiga a presença da literatura chicana e/ou latina em território estadunidense, que há alguns anos já conta com forte apoio editorial e espaço dentro de departamentos acadêmicos, apresentando vasto estudo analítico e crítico em faculdades e universidades.

No entanto, cabe ressaltar que, devido ao que já foi discutido anteriormente, são diversas as formas de translinguismos literários que compõem esse escopo. De modo a exemplificar, descrevo resumidamente alguns tipos de translinguismos citados por Elena Palmero (2022), que permitem estimar a extensão e a versatilidade desse fenômeno. Inicialmente, tem-se o caso de escritores que alternam duas línguas – as quais têm competência – ao longo das suas obras, de modo indistinto, por exemplo, o cubano-estadunidense Elías Miguel Muñoz com um primeiro livro lançado em espanhol em 1983 e, logo depois, optando por escrever em inglês. Entretanto, o contrário também ocorre como o faz Pablo Medina, ao escrever toda sua poesia em inglês, mas de forma pontual publica uma edição bilíngue em que os textos não são tradução um do outro e sim, escritas poéticas dialogando nas duas línguas.

Outra possibilidade translíngue é a de escritores alternando duas ou mais línguas na mesma obra, sendo notória a distinção entre elas, como é o trabalho de Gustavo Perez Firmat em *Carolina Cuban* (1987), obra que reúne seções de poemas em inglês, em espanhol e na fricção de ambas as línguas. Em outro nível, há escritores que integram as duas línguas em um mesmo texto, alternando léxico ou formas mais complexas. A esse respeito, a autora Yasemin Yildiz (2012) denomina como uma espécie de *continuum* das línguas, a exemplo o *spanglish* e o *portuñol*. No entanto, não se desconsideram as diversas variáveis que podem existir nesses trânsitos linguísticos.

De modo mais analítico, é possível perceber diferenças na poesia de Severo e na de Senties. Enquanto nos poemas de *Noite nu norte* aparecem elementos próprios da oralidade como, por exemplo, uso indiscriminado de pronomes e verbos adaptados foneticamente; uma sintaxe associada à fonética; verbos ora com uma ortografia mais parecida ao português, ora ao espanhol; repetições e expressões mais típicas de um contexto oral; em um caminho distinto se estabelecem as construções nos poemas de Senties. Apesar de que alguns poemas da autora apresentem um ritmo mais narrativo, as marcas de oralidade são mais pontuais e específicas como, por exemplo, nos fragmentos

em que há diálogos. Desse modo, também é possível diferenciar em um mesmo poema trechos em inglês, em espanhol e em *spanglish* o que não acontece nos poemas em *portuñol*, de Severo.

Contudo, mesmo que muitos degraus tenham sido subidos rumo a um outro panorama literário, infelizmente, ainda tem sido difícil mudar a noção que muitos têm a respeito dessas literaturas chicanas translíngues produzidas nos Estados Unidos; a que pertencem a uma condição de literatura menor.

Por outro lado, apesar de a literatura em *portuñol* contar com importantes pesquisas desenvolvidas aqui no Brasil, ainda não dispõe de um campo exclusivo de estudo, nem departamentos de investigação consolidados no âmbito acadêmico, tampouco notável apoio editorial. Outro fator distintivo é a escassez de escritas translíngues femininas nesse cenário; algo que não acontece na literatura chicana, por exemplo, que tem uma forte e inovadora jornada marcada por mulheres escritoras.

No entanto, à semelhança do trânsito linguístico e literário entre espanhol-inglês, anteriormente explicitado, o *portuñol* também carrega suas particularidades. Há autores que, além do português e do espanhol, incorporam o guarani, o inglês e até mais línguas em seus textos, como é o caso de Douglas Diegues. Escritor que denominou sua língua como sendo *portunhol selvagem*: “es la lengua de mia mãe y de la mãe de mis amigos de infância. Es la lengua de mis abuelos. Porque ellos sempre me falaram em portunhol salvaje comigo” (DIEGUES, 2005, p. 3). Inclusive, a esse respeito há um precursor, Wilson Bueno, intitulado por Diegues como “o imperador do portunhol selbajem” (RODRIGUES, 2011, p. 54). Bueno é o autor do clássico *Mar Paraguayo* (1992), um romance em que a língua enunciada pela sua protagonista atravessa os códigos linguísticos do português, espanhol e guarani.

Por último, com a finalidade de encerrar a explanação a respeito desse tema, saliento que são múltiplas as possibilidades literárias e, conseqüentemente, as teorias envolvidas. Ainda que tenha sido preterido ao longo do texto certas abordagens teóricas, não significa que tais conceitos dão conta completamente da variedade e potência das produções. A Literatura não cabe em uma caixa de conceitos, ela é maior e traz consigo novas pulsações aos que se permitem, por ela, transitar. Dessa forma, considero que as representações literárias colocam em questão espaços, sujeitos e modos de escrita que, em certa medida, contribuem para validar vivências singulares e coletivas. Entretanto,

essas experiências nem sempre decorrem, propriamente, de um ambiente de uma fronteira política imposta, pelo contrário, podem caracterizar-se por legados fronteiriços-culturais, impactando diferentes sujeitos de formas específicas, inclusive seus leitores.

Capítulo 3

POÉTICAS DAS MEMÓRIAS

Três lascas de tempo. Meu próprio tempo
em lascas: um pedaço de memória, essa
coisa não escrita que tento ler; um pedaço de
presente aqui sob os meus olhos,
sobre a branca página
(DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 10)

A língua dos sujeitos transfronteiriços não é só uma simples forma de expressão oral proveniente de um encontro da(s)/na(s) fronteira(s), também se configura como uma via de processos de formação e legitimação identitária que se apresenta como fluxos contínuos de transformações dos sujeitos. O emprego linguístico analisado até então, pode ser interpretado de distintos modos: um ato consciente, uma forma de resistência à assimilação cultural dominante, uma afirmação identitária e etc.

Entretanto, posso estabelecer um vínculo que está presente em qualquer desses motivos, a memória. A entidade língua-memória faz parte de nós, já que por meio dela podemos evocar lembranças, (re)viver o passado ou esquecê-lo, tornando-o possível de ser dito ou não, contudo, a conjuntura literária é a de mais de uma língua, por isso há um conflito – e aqui, não se admite um sentido negativo da palavra. Há de se ressaltar que, enquanto registro literário contendo essas práticas linguísticas, sociais e culturais, essa literatura é transpassada por memórias que são como peças marcadas pela subjetividade, auxiliando na compreensão do sujeito ficcional e das representações relacionais que o atravessam.

Desse modo, apresentar uma identidade não revela somente um traço histórico e pontual referindo-se a um lugar de nascimento, de nacionalidade; pelo contrário, traz consigo significados e memórias que esses sujeitos buscam representar nas suas mais variadas manifestações artístico-culturais, inclusive na literatura.

Assim, neste capítulo, começo descrevendo a importância da memória ao abordar alguns teóricos que discutem o tema, relacionando-os com os textos literários em questão; em seguida, com os próximos subcapítulos estabeleço um paralelo entre a memória e

determinados assuntos que se repetem dentre os poemas dos autores, como infância e território.

3.1 (RE)ESCREVENDO MEMÓRIAS

Anzaldúa (2012, p. 19) em sua obra escreveu sobre a “life on the borders, life in the shadows” e, nesse sentido, não há como não estabelecer um paralelo com Giorgio Agamben (2009, p. 63), que afirma: “Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”. Entendo que não só o que escreve, mas também como o que lê, por isso como leitores observemos fixamente o nosso tempo para além das luzes, percebendo então o escuro, as trevas e as sombras presentes nessas poéticas que ainda ecoam e reverberam nas trincheiras do nosso continente.

Entretanto, só temos acesso a esses relatos de memórias poetizadas porque estão registradas e isso me conduz a refletir na antiga e estreita relação existente entre memória e escrita. Inclusive, esse é um tema tão valioso que no seu livro *Espaços de Recordação: Formas e transformações da memória cultural*, Aleida Assmann dedica um capítulo inteiro para discorrer sobre esse vínculo. No seu capítulo *Escrita*, ao refutar Platão – significando caminhar em direção oposta ao que na sociedade ocidental está constituído como pilar fundador –, a autora afirma que o ato de escrever é tão análogo à memória, que chega a ser considerado a sua metáfora mais importante, concebendo-o como *medium*, um modo que eterniza e serve de suporte à memória. Para Assmann (2011, p. 195), “a escrita é uma das armas mais eficientes contra a segunda morte social, o esquecimento”.

Desse modo, a autora destaca o livro como objeto e ao explorá-lo, explica que diante desse processo ele se torna um instrumento, externalizando tudo o que está oculto, desvendando e tornando acessível e, logo, ressalta que “O procedimento da anotação e da inscrição é a mais antiga e, através da longa história das mídias, ainda hoje a mais atual metáfora da memória” (p. 199). De modo semelhante, Anzaldúa também expõe na sua obra o elo entre memória e escrita quando dedica todo o capítulo *Tlilli, Tlapalli / El sendero de la tinta roja y negra* ao tema e confessa:

Because writing invokes images from my unconscious, and because some of the images are residues of trauma which I then have to reconstruct, I sometimes get sick when I *do* write. I can't stomach it, become nauseous, or burn with fever, worsen. But, in reconstructing the traumas behind the images, I make "sense" of them, and once they have "meaning" they are changed, transformed. It is then that writing heals me, brings me great joy.
(ANZALDÚA, 2012, p. 92)

Um diálogo possível é que Assmann nas considerações que propõe estabelece que as “imagens surgem na memória sobretudo em regiões não alcançadas pelo processamento verbal. Isso vale principalmente para experiências traumáticas e pré-conscientes” (2011, p. 237). Exatamente o descrito por Anzaldúa, que até trazer à tona, por meio da escrita, suas dores e mágoas presas na memória e no inconsciente, não consegue livrar-se totalmente, mesmo que durante o processo haja sofrimento ou, inclusive, a priori, uma negação.

Não em vão começo esta seção com experiências da Anzaldúa, pois apesar de esse ser um mergulho profundo no seu subconsciente, o tomo aqui como uma possibilidade de alcançar vivências que foram fronteirizadas, como é o caso de Severo e de Senties. A fronteira pode ser e /ou proporcionar lembranças, mas também pode ser o próprio motivo para esquecimentos – seletivos ou não. Contudo, são essas seleções do que esquecer e do que lembrar que (co)operam na formação – que é constante – das identidades desses sujeitos.

A propósito disso, Anzaldúa (2012, p. 81 - destaque da autora) também afirma: “So, if you want to really hurt me, talk badly about my language. Ethnic identity is twin skin to linguistic identity – **I am my language.**” Nesse caso, explicita que a identidade étnica e a linguística se convergem, não há diferença, logo, trilha um pensamento de que eu sou a minha língua, eu sou as minhas memórias, sou aquilo que eu lembro e esqueço, ou aquilo que eu quero/preciso lembrar e quero/preciso esquecer. A fim de explicar a premissa de Aleida Assmann (2011), que as lembranças passam pelo viés da língua, esse assunto será retomado mais adiante.

Enquanto isso, em conformidade ao que foi exposto anteriormente, Joël Candau em seu texto *Memória e Identidade* (2011), apresenta algumas das suas contribuições sobre a relação entre esses dois eixos. Já no preâmbulo de seu livro, o autor afirma:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento.
(CANDAU, 2011, p. 16)

Inclino meu olhar, especificamente, a partir do que essa dialética pode produzir. Para tanto, me interessa estabelecer correlações literárias com as reflexões abordadas sem, no entanto, pretender apresentar leituras exaustivas ou encaixar tais poéticas em definições teóricas. Candau parte do pressuposto que “Sem lembranças, o sujeito é aniquilado” (2011, p. 17), somado a isso incluiu também o esquecimento. Nesse sentido, ele discute analogias entre o indivíduo e o grupo social no qual está inserido, contestando concepções estanques e totalizantes a propósito da memória e identidade coletiva; para esse fim, atribui a memória três diferentes tipos de categorias. A primeira recebe o nome de “memória de baixo nível”, fazendo referência ao conhecimento e às experiências compartilhadas entre os indivíduos que formam parte de um grupo social específico. Assim sendo, o poema *Vintioito* de Severo, conversa com essa primeira proposta de Candau, já que mais uma vez há a possibilidade de se ressaltar a noção de comunidade:

Antes, fas mucho tiempo
los visiño se ayudavan.

Como la ves aqueya
que se prendió fuego la casa del Correa.
Todos ayudamo sacá las cosa pra la vereda
mientras la Mama yorava i gritava
se batendo nu peito.
Dispós todos ayudemo limpá
i cada um fue trasendo alguna coisa.
Asta nu bar du Carlito fiserum rifa.
[...]
(SEVERO, 2010, s/p)

Nessa passagem, o sujeito rememora saudosamente a empatia que havia entre a vizinhança, citando, inclusive, uma ocasião em que todos puderam servir ajudando, gerando identificação recíproca. E ainda sobre comunidade, Sentíes versa o poema *Pa'Chano*:

On Saturdays, my cousins and I gathered
around you, a carpenter like St. Joseph,
tall and thin as a cypress, eyes full of wisdom

behind around glasses and a Stetson that crowned
 then proudly showed us the gold coin
 with the emblem of the Sons of Juárez etched
 on it. We listened to your *cuentos* of the Mexican
 Revolution, when *Los Dorados de Vila* galloped
 Through the villages of Nuevo Leon. Shooting
 Their rifles in the air, they left a cloud of dust,
 Trembling women, and crying children behind.

You spoke fondly of your grandmother
 Rosalía who left Spain for the new world,
 of your love for María Chita and how you carved
 your initials and hers on a towering
 pecan tree in the plaza in Cerralvo.
 [...]

On the Day of the Dead, you took us to the
 Catholic cemetery. You hoed weeds, hauled
 buckets of water for the gladioli Mom
 with *tía* Rebeca arranged around the tombs
 of my grandmother, Mamá Chita, and three
 of your sons. Then you sat quietly as we knelt
 to pray. After lunch, you took
 my cousins and me to buy sugarcane
 in the stalls outside the cemetery,
 my hand lost in your warm strong one. We sucked
 sugarcane and laughed
 as the sweet
 syrup dribbled
 down our chins.

At eighty, you walked downtown
 twice a day in the summer heat
 as in the gray winter days when icicles clung
 to the eaves of houses to meet
 your friends at Jarvis Plaza. Don Luciano
 García Longoria, I wish you were still here
 so I could have *conchas y café con natas*
 with you at five.
 (SENTÍES, 2014, pp. 31-33)

Interessante observar como a cotidianidade e a naturalidade dos eventos se movem ao longo de todo o poema, inclusive porque são memórias narradas, mas que similarmente simulam uma conversa diretamente com o interlocutor, que também é o tópico do poema. O que se reconhece é que dentro de uma comunidade, pode se realçar a figura de alguém mais velho, representando sabedoria e tendo como missão transmitir saberes aos mais novos. Logo nos primeiros versos, é possível identificar essa construção: “On Saturdays, my cousins and I gathered / around you, a carpenter like St. Joseph, / tall and thin as a cypress, eyes full of wisdom”. De forma a reafirmar essa cena, Joseph conta aos demais

sobre as histórias que marcaram, tanto as antigas gerações como a formação da sua comunidade: “We listened to your *cuentos* of the Mexican / Revolution, when Los Dorados de Vila galloped / Through the villages of Nuevo Leon.” Esse, constitui-se como outro modo de resgatar as memórias de histórias do passado, ao torná-las próximas afetivamente daqueles que não a vivenciaram, de fato. Sobre isso, Candau (2011, p. 131) afirma que “A história busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz a tradição”.

Nesse sentido, o senso de (com)unidade começa a se estabelecer através dessa tradição de contação de histórias/memórias vividas, uma vez que há “o caso de pequenas comunidades nas quais a transmissão oral é suficiente para impregnar o indivíduo de sua tradição cultural” (CANDAU, 2011, p. 108). Contudo, ainda é possível perceber que há mais um aspecto tradicional: el Día de los Muertos, uma data tão forte e simbólica com suas raízes profundas na cultura mexicana que faz parte de uma celebração em comunidade: “On the Day of the Dead, you took us to the / Catholic cemetery.”

O segundo tipo tem por nome “memória de alto nível”, aquela que abarca vivências e lembranças autobiográficas, podendo também remeter a crenças, sensações, /-sentimentos e etc. Em relação a esse tipo de memória, há algo bem particular presente na literatura de ambos os autores: a celebração do Natal; que apesar de haver suas variedades conforme o país e a cultura, é bem significativa em algumas tradições. No poema *Cuarenticuatro*, Severo narra

El Negro deu de Navidá
la sía de Judas pra mi madre.

Los visiño dinfrente fiserum um Judas
i botarum ele sentado na sía.
De noite puserum bomba i prenderum fogo.

Au otro día, bien sediño
el Negro foi i trose la sía pras casa.
Limpó toda, lijó i deu uma boa mano de pintura
dispós clavó uma almuada veia
i la sía ficó noviña.

Mi madre istava felis
agora tiña sía pra fasé as costura.
Ela nunca avía tido Navidá.
(SEVERO, 2010, s/p.)

Interessante perceber como ao mesmo tempo em que se participa de um evento tradicional, há a criação de novas memórias para si e com a comunidade na qual está inserida. Em vista disso, Candau no seu texto, não deixa de argumentar que

essas lembranças encontram sua justificativa não apenas em assegurar uma continuidade fictícia ou real entre o passado e o presente, mas também em satisfazer uma lógica identificadora no interior do grupo, mobilizando deliberadamente a memória autorizada de uma tradição.
(CANDAU, 2011, p. 122)

Portanto, o aspecto tradicional no poema evoca detalhes simbólicos cujo valor material é descartado, uma vez que esse foi o primeiro Natal da mulher retratada no poema e junto à sua comunidade pode desfrutar do sentimento de pertencer e colaborar, pois ao realizarem uma das tradições natalinas, utilizaram o presente que ela havia recebido. Seu primeiro Natal, sua primeira cadeira. No entanto, nem sempre a realidade como as coisas sucedem corresponde às expectativas criadas de como serão, principalmente no que diz respeito às ‘primeiras vezes’ da vida. Contudo, esse poema só evidencia como a trivialidade, os anseios do coração, a pobreza e a vida, em todos os seus aspectos, também afetam sujeitos transfronteiriços. A fronteira não é isenta, pelo contrário, potencializa. E a esse respeito, o poema *Anniversary Waltz*, de Senties, versa sobre o que lhe afetava como mulher:

Solitude and the night wrap
around her like a *rebozo*
as she strides along the plaza
glances at the couple outside
the *Café El Portal* and rushes
across the street. She stands
before her husband. He grins.
“Let me introduce—”
“Don’t,” she says
he shrugs and downs his shot
of tequila. Sooty tears stain
her cheeks. “Dinner was at eight.
Our friends came and left,” she blurts
and steps away. Rising, he knocks
over the bottle of Tequila Sauza
and staggers after her. Her jerks
her around. “Don’t walk away from me!”
She strikes his cheek;
her wedding ring flies
off, a flash of gold in the neon night.
It spins in the air,
divides them,

and rolls on the floor
 into the amber
 puddle of aged tequila.
 (SENTÍES, 2021, p. 16)

Apesar de o poema tocar no tema festividade, como o próprio título indica, esse não é o panorama que pretende destacar, mas sim o conflito de um relacionamento, apresentando-se como um dos poemas em que se evidencia a autobiografia ficcional de Sentíes. Além de expressar poeticamente uma lembrança, também expõe a violência masculina, que mais do que moral também se torna uma agressão física: ‘Rising, he knocks / over the bottle of Tequila Sauza / and staggers after her’. Ainda que não seja capaz de mudar completamente o cenário de subjugação ao qual está sujeita: ‘Solitude and the night wrap / around her like a *rebozo*’, essa mulher é consciente de que vive em um contexto de opressão: ‘Sooty tears stain / her cheeks’.

Mesmo o choro sendo constantemente e de forma machista associado ao feminino, a fraquezas e vulnerabilidade emocional, também representa raiva, intolerância e desgosto. Isso, no entanto, precisa ser um objeto de mudança, pois como afirma Bernice Rincón (1997, p. 26) “The Chicana is torn between being what her man wants her to be and what she knows she must become in order to function in today’s action oriented world.”

Por último, Candau estabelece a “metamemória” que designa o modo como cada indivíduo representa sua própria memória, como um constante retorno ao passado, contribuindo para a (re)construção e (re)afirmação da identidade. Com isso, o poema *Sincuentiséis* de Severo estabelece bem essa relação:

Cuando uno es pobre
 i eu so pobre,
 no puede isquesé de aonde viene.

Asvés yo voi na carnisería
 veo el Luisito trabaliando, el me atiende
 i yo quero le desir
tu te lembra Luisito
cuando nos iva nel río casá vieja del agua
 [...]

i eu noun sei si ele no se lembra
 o no se quiere lemrá.

O la Silvana, que se foi pra Montivideu

istudiá pra maestra
 un día yo crusé con eya nel sentro
 ela me miró i yo levanté la maun pra saludá
 i eya deu volta la cara i se foi.

El que si se lembra de tudo es el Manuel
 asvés lo veyo sentado por aí tomando mate
 nos botamo a falá daqueles año
 i nos matemo de risa.
 Que amigo el Manuel
 ese si no teve sorte, anda camiñando por las caye
 sin trabajo i sein familia.
 El Manuel se lembra da sua sorte.
 (SEVERO, 2010, s/p)

Sobre essa correlação entre identidade e memória, Candau elabora a primeira como um todo cheio de significados, materializada na fala, desejo e lembrança, regulada pela rememoração e contexto de determinado evento. Esses processos se dão de maneira coletiva quando surgem do cruzamento de imagem e linguagem, permitindo, assim, a manutenção de memórias fortes que resultam em marcas identitárias reforçando sentimentos de origem, pertencimento e história. E esse é o ponto que nos toca o poema, a memória atrelada com uma parte constitutiva de quem se é e o reconhecimento disso no presente: “i eu noun sei si ele no se lembra / o no se quiere lembrá.” Tanto Luisito como Silvana já não pertencem à vida na fronteira, não fazem mais parte dessa comunidade, por isso rechaçam as memórias correspondentes a essa época da vida; diferentemente de Manuel: “El que si se lembra de tudo es Manuel”. Ainda que no poema haja uma crítica em relação a esse fazer de conta que já não se lembra do passado, o sujeito considera uma situação de sorte ter a vida social transformada, em certa medida: “Que amigo el Manuel / ese si no teve sorte, anda camiñando por las caye / sin trabajo i sein familia” e o feito de não levar consigo as cargas da memória: “El Manuel se lembra da sua sorte”.

Nesse sentido, retratar a pobreza como parte da vida fronteira revela que esse lugar “Se trata no sólo de un hábitat, sino también de un modo de habitar. Los habitantes del borde se habitúan a los desbordes y a los contrasentidos.” (CAMBLONG, 2009, p. 131). Nessa mesma lógica, Senties também escreve um poema – *The ones Santa Anna sold* – que reflete, entre outras coisas, a pobreza designada a sua comunidade por diversos fatores:

We are
 those who fled

the land of our birth,
 those who built the great pyramids—
 mute witnesses of Cortes's destruction,
 those who invented the Aztec calendar,
 those who left our mothers,
 our wives
 our children,
 because our country
 rich in oil can't feed us.

We are
 the wetbacks that cross
 the Río Bravo,
 the brave ones that cross
 the desert,
 that drown,
 that die of thirst,
 that are killed by vigilantes,
 border guards or *coyotes*
 those who passively conquer
 the most powerful nation in the world
 taking back what once belonged to Mexico.

We are
 the traitors,
 the starving Indians,
 the *pochos*,
 the *chicanos*.

We are the ones Santa Anna sold.
 (SENTÍES, 2014, pp. 24-25)

Este é um poema que se caracteriza pela abrangência e identificação identitária-cultural de um povo e apesar de estar, na sua maioria, descrito no presente, faz referência a eventos passados que contribuíram/contribuem para (re)afirmar a identidade de um *eu* e de um *nós*.

Em primeiro lugar, o título do poema alude a Antonio López de Santa Anna, mais comumente chamado de Santa Anna. Ele foi uma figura emblemática e de grande relevância para o contexto sócio-político mexicano, ainda que carregue consigo inúmeras contradições. Mesmo sendo onze vezes presidente, do ponto de vista ideológico, apoiou liberais e federalistas, ao mesmo tempo, que foi descrito como um demagogo oportunista sem ideologia (FLORES HERNÁNDEZ; GONZÁLEZ ESPARZA, 2010).

Em segundo lugar, esse é um poema de memórias-histórias elaborado através de feitos, sofrimentos e cargas de gerações de uma comunidade. Nesse sentido, há o destaque de quando foram agentes: “those who built the great pyramids– / mute witnesses of

Cortes's destruction, / those who invented the Aztec calendar” e, também, pacientes: “that drown, / that die of thirst, / that are killed by vigilantes, / border guards or coyotes”. Mas, do mesmo modo, o que lhes é imputado se torna memória: “We are / the traitors, / the starving Indians, / the pochos, / the chicanos”, conduzindo a leitura para o último verso do poema, que de forma bem arquitetada também se apresenta como o título do poema e como o nome do livro: “We are **the ones Santa Anna sold**”.

Essa é uma crítica histórica, que remonta a década de 80, quando foi assinado o Tratado de Guadalupe Hidalgo entre o México e os Estados Unidos, no qual foram perdidos aproximadamente 2,4 milhões de quilômetros quadrados de território mexicano, por aproximadamente 15 milhões de pesos mexicanos, na época, sob o comando de Antonio López. Como não se sentir usurpado? Em outras palavras, vendido? As relações que se estabelecem são muito mais íntimas e dolorosas, mas mesmo a partir dessa ótica podem ser ressignificadas para uma nova afirmação identitária.

3.2 INFÂNCIAS & MEMÓRIAS

Os poemas aqui analisados tratam tanto de um singular como de um plural, na medida em que tais memórias envolvem experiências coletivas de sujeitos fronteirizados, conflitos socioculturais e, também, linguísticos. Como é o caso do poema *Trintidós*, abordando um eixo temático sobre a questão da língua e seu uso dentro do espaço escolar:

Yo no quiría ir mas en la escuela
 porque la maestra Rita, de primer año
 cada ves que yo ablava
 pidía pra que yo repitiera y disía
vieron el cantito en su voz, así no se debe hablar
 i todos se rían de mim
 como eya pidía que yo repitiera
 yo repitía i eyos volvían se ri.
 [...]
 (SEVERO, 2010, s/p)

Minha intenção é pensar na possibilidade de um tripé entre língua-memória-identidade, já que à medida que o sujeito transfronteiriço constantemente se comunica/faz uso da sua língua, carrega consigo as muitas marcas que lhes são imputadas e atribuídas, como, por exemplo, de “inadequação” e “inferioridade”. Paul Ricoeur, em *A memória, a*

história, o esquecimento, afirma: “se uma lembrança volta, é porque eu a perderei; mas se, apesar disso, eu a reencontro e reconheço, é que sua imagem sobrevivera” (2007, p. 438). Por esse motivo, o sujeito poético registra a imagem dessas lembranças, pois assim sobreviverão e, nesse contexto, são vivências opressoras. Nesse sentido, o espaço escolar se torna um lugar em que as crianças chicanas têm de aprender forçosa e obrigatoriamente a adaptar-se e submeter-se a um novo modelo cultural e linguístico, que influencia na construção da sua identidade, nas suas relações com as suas origens e com o Outro.

Segundo Assmann (2011, p. 168), “A língua é o estabilizador mais poderoso das recordações. É muito mais fácil lembrar-se de algo que tenha sido verbalizado do que de algo que nunca tenha sido formulado na linguagem natural.” Considerando que a situação humilhante pela qual a professora expôs esse sujeito, se deu através da língua – expressão verbal – e que o motivo para tal, também foi a língua – idioma –, há então uma dupla carga que potencializa a força memorativa desse sujeito. Com relação ao tema, Nietzsche (2009) argumenta que a consciência da moral se relaciona com uma memória da vontade que não registra experiências biográficas, mas sim escritas culturais ligadas a instituições de poder e violência. E ainda considera “como inscrições culturais do Cls as agências de socialização e os institutos da disciplina e da punição, para os quais importa inculcar nas pessoas determinados valores e normas de convívio” (p. 264). No entanto, não estaria a escola, nesse contexto, assumindo a posição de uma dessas agências e institutos? Não cabe dúvidas de que esse posicionamento gera consequências que vão de encontro com a afirmação identitária desse sujeito.

A respeito disso, há um trecho da obra de Anzaldúa que em muito dialoga com essa questão:

To be close to another Chicana is like looking into the mirror. We are afraid of what we'll see there. *Pena*. Shame. Low estimation of self. **In childhood we are told** that our language is wrong. Repeated attacks on our native tongue diminish our sense of self. The attacks continue through-out our lives.
(ANZALDÚA, 2012, p. 80 - destaque da autora)

Essa não se trata de uma experiência única, mas alcança a realidade de muitas outras chicanas que geraram essa amarga percepção desde as suas infâncias até a vida adulta. A infância é o começo de expectativas e reconhecimento sobre si e sobre o outro.

Em relação a isso, esse também é um tema que toca a Sentíes, já que se dedica a poetizar sobre o sofrimento infantil em *The Lost Children of Mexico City*:

Fragile as blown glass
in a child's hand,
rough on the outside soft
on the inside like a *zapote mamey*.
Filthy as the dumps the loss of innocence,
empty from the loss of loved ones,
haunted by their inner devils,
betrayed by the adults of their world.

The bitter night wind rushes
like a thief along the streets. A steady
drizzle soaks the small bodies curled
like wet kittens under newspapers.
They seek shelter in abandoned
buildings,
in empty sheds behind *mercado*
stalls near Garibaldi Plaza.
[...]

Choked voices
“My mother didn't want me.”
“My step-father beat me.”
“My grandmother couldn't feed us all.”
Cocky, street-wise façade crumples
like a paper shield as tears stream
down the grimy cheeks of grotesque,
stick-like figures in too large rags.
[...]
(SENTÍES, 2014, pp. 110-111)

O retrato de uma infância atribulada, com uma inocência negligenciada em prol de uma sobrevivência, mas a que custo? A vulnerabilidade e o grotesco participam de uma mesma cena, já que na infância se tem o lado mais fraco. A vida na fronteira é capaz de potencializar as vivências, inclusive as dores. A esse respeito, Aleida Assmann alude às concepções do etnólogo Pierre Clastres “as marcas impedem o esquecimento, o próprio corpo traz em si as marcas da memória, o corpo é a memória” (Clastres, 1976, p. 175, *apud* ASSMANN, 2011, p. 264). E através de uma perspectiva feminina, Sentíes transporta para a obra literária esse ambiente vil: ‘Choked voices’, ‘as tears stream’, ‘figures in too large rags’.

3.3 TERRITÓRIOS & MEMÓRIAS

Paul Ricoeur em sua obra *Tempo e narrativa* (1994) descreve como elemento da narrativa a memória, que não se apresenta de forma ingênua, configurando-se como um aspecto fundamental de criação no presente, a partir de estratégias discursivas que oferecem possibilidades construtivas ao leitor, dispondo de efeitos de sentidos consolidados. Instigante identificar que ambas as obras literárias analisadas nesta investigação são concebidas como poemas, mas que, no entanto, fogem das dimensões que foram atribuídas a essa categoria por tanto tempo, expondo a necessidade de narrar a si mesmo, o outro, o território e as memórias.

Nessa perspectiva, exploro a estreita relação entre memória e território. Esse último discutido bem mais que uma unidade física, mas como formas de pertencimento, construção e desconstrução de relações simbólicas e culturais. De acordo com essa concepção de flexibilidade e mobilidade, quanto ao território, Haesbaert e Limonad (2007, p. 42) afirmam: “o território não deve ser confundido com a simples materialidade do espaço socialmente construído, nem com um conjunto de forças mediadas por esta materialidade”, já que “é sempre, e concomitantemente, apropriação (num sentido mais simbólico) e domínio (num enfoque mais concreto, político-econômico) de um espaço socialmente partilhado.” Justo com esse contexto de partilha conversa o poema *Cuatorse*, de Fabián Severo:

Desde piqueno
vemo seus programa
iscutemo suas música
aprendemo suas palavra
bailemo sus baile
cumemo sua cumida
resememo seus santo.
(SEVERO, 2010, s/p)

Esse texto literário evidencia como se (com)partilha traços do cotidiano e da cultura entre diferentes territórios a ponto de se levantar questões: Por que haveria de ter singularidades que definam Artigas enquanto um território uruguaio? As mobilidades, sejam elas físicas, culturais e/ou linguísticas acarretam em transformações dos imaginários e dos limites nacionais. Desde os mais singelos afetos que podem ser expressos em palavras àquilo que muitas vezes circunda o inexplicável – a fé – está o meu, o seu e o nosso território confluindo em um só. E, mais uma vez, é possível

corroborar o pensamento de Ángel Rama sobre as comarcas latino-americanas. Por que categorizar características ditas típicas, a um determinado lugar? Por que atribuir nacionalidade às lembranças e às vivências socioculturais? Nessa perspectiva, o próximo poema de Severo que espelha essas considerações é o *Vinte*:

Ontein me sacarum tudo lo que trasía de Cuaraí.
 Otra ves me quitarum tudo.
 Meu Deus, purqué tanta inyustisa.
 Que digo pra Negra, meu Deus.
 Eya tava isperando u aseite, a fariña, u asúcar.
 No pude neim pasá a erva pru mate da tarde.
 Ainda si fose roubado,
 mas era uma semana de trabaliu
 um bolso yeio con el suor da nosa frente.
 Si Dios fuese artiguense
 no avía deiyado que los ombre
 me sacaram la bisicleta.
 Eu pidí por favor,
 eles diserum que era pra eu aprendé.

Otra semana pidindo fiado nu armasén du Brasileiro
 camiñando pru molino
 yuntando as moeda pra i u sábado que viene
 faser um surtido en Cuaraí.
 (SEVERO, 2010, s/p)

Em contraposição ao primeiro poema em que os atravessamentos parecem conviver em harmonia, nesse percebo uma imposição que não é gratuita e em muito se relaciona a um posicionamento de poder que o Brasil insiste em manter na sua relação com os demais países da América do Sul. Segundo Rodrigo Abi-Ramia no seu trabalho *Posicionamento brasileiro na América do Sul* (2020) o autor considera o Brasil como um país subimperialista, no entanto, expõe que essa condição não deve ser entendida como uma cópia direta do imperialismo, nem como uma postura de manutenção de projetos hegemônicos aos demais países, uma vez que há dinâmicas e características diferentes envolvidas.

Ainda que essa condição brasileira esteja além do capital financeiro e abarque um capital cultural e social: “Eu pidí por favor, / eles diserum que era pra eu aprendé” revela aqui uma ação de sujeição, sem motivo aparente, movida por um sentimento de superioridade no poema, demonstrando ainda como essa é uma situação vivida com frequência pelo sujeito: “Otra ves me quitarum tudo” e “Otra semana pedindo fiado”; mais ainda, essas circunstâncias o fazem duvidar e/ou desacreditar no que crê: “Si Dios

fuese artiguense / no avía deyado que los ombre / me sacaram la bicicleta.” Será que Deus seria brasileiro?

Nessa perspectiva, o poema *Soy como soy y qué*, de Sentíes, desenvolve poeticamente uma relação simbólica com dois territórios que ocupam nela um mesmo espaço:

Soy flor injertada que no pegó.
Soy mexicana sin serlo.
Soy americana sin sentirlo.

La música de mi pueblo,
la que me llena,
los huapangos, las rancheras,
el himno nacional mexicano
hacen que se me enchine el cuero,
que se me haga un nudo en la garganta,
que bailen mis pies al compás,
pero siento como quien se pone sombrero ajeno,
los mexicanos me miran como diciendo,
“¡Tú no eres mexicana!”

El himno nacional de Estados Unidos
también hace que se me enchine el cuero,
que se me haga un nudo en la garganta.
Los gringos me miran como diciendo,
“¡Tú no eres americana!”
Se me arruga el alma. En mí no caben
dos patrias como no cabrían dos amores.
Desgraciadamente no me siento ni de aquí ni de allá.
ni suficientemente mexicana,
ni suficientemente americana.

Tendré que decir,
“Soy de la frontera,
de Laredo,
de un mundo extraño,
ni mexicano ni americano.
[...]

Soy como el Río Grande,
una vez parte de México,
desplazada.
Soy como un títere
jalado por los hilos
de dos culturas que chocan entre sí.
Soy la mestiza,
la pocha,
la *Tex-Mex*,
la *Mexican-American*,
la hyphenated,

la que lucha por no tener identidad
 propia y lucha por encontrarla,
 la que ya no quiere cerrar los ojos
 a una realidad que golpea, que hiere,
 la que no quiere andarse con tiento,
 la que en Veracruz defendía a Estados Unidos
 con uñas y dientes,
 la que en Laredo
 defiende a México con uñas y dientes.

Soy la contradicción andando.
 En fin como Laredo,
 soy como soy y qué.
 (SENTÍES, 2014, pp. 77-79)

O primeiro verso desse poema já começa com uma afirmação poética: “Soy flor injertada que no pegó”, nenhum solo era suficientemente fértil para fazer com que essa flor desabrochasse, ou inclusive o contrário, já que se sabe que as condições nas quais se apresenta o solo influencia no crescimento de plantas e flores. O poema começa a ser construído em afirmativas que se negam: “Soy mexicana sin serlo / Soy americana sin sentirlo” a partir de uma perspectiva do eu, mas logo apresenta a resposta do(s) outro(s): “¡Tú no eres mexicana!” e “¡Tú no eres americana!”. Inclusive, usa a estratégia da mesma justificativa na segunda e terceira estrofes do poema para ambas as experiências, como versos espelhados, no intuito de reforçar a ideia de que tanto no/para o México como para os Estados Unidos é um mesmo sentir. Nesse caso, por não conseguir se identificar plenamente com uma das pátrias, atribui sua própria identidade a um terceiro lugar, a um *entrelugar*: “Soy de la frontera, / de Laredo, / de un mundo extraño”, e que de certa forma a sobrecarrega de atributos vinculados aos territórios: Soy la mestiza, / la pocha, / la *Tex-Mex*, / la *Mexican-American*” e, por fim, “la hyphenated” ressaltando a ideia de ser e estar no caminho entre um e outro, mas também demonstrando separação. Através dessa perspectiva analítica, Stuart Hall (2006) ajuda a compreender essa dubiedade quando afirma:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos
 (HALL, 2006, p. 50)

No entanto, apesar de sentir-se contraditória, a busca por uma identidade segue sendo um dilema já que ela se autodefine como: “la que lucha por no tener identidad / propia y lucha por encontrarla”; enquanto que é evidente como esse impasse identitário tem uma linhagem territorial, assim como se evidencia nos seguintes versos: “la que en Veracruz defendía a Estados Unidos / con uñas y dientes, / la que en Laredo / defiende a México / con uñas y dientes.” Sobre isso, Hall (2006, p. 56) também contribui ao declarar: “O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro.” Através dessa consideração do autor é possível observar a construção do poema quando apresenta uma diferença de tempos verbais relacionada à interação com os respectivos territórios. Para referir-se aos Estados Unidos, estando em Veracruz, o uso do verbo conjugado está no passado: **defendía**; mas ao mencionar o México, estando em Laredo, o tempo verbal utilizado é o presente: **defiende**. Ainda que a ideia remeta a sua situação geográfica atual, também pode denotar uma mudança de posicionamento que reverbera no futuro. Em meio às inconstâncias, o poema termina com um verso que ao mesmo tempo que afirma, também provoca com uma pergunta indireta: “soy como soy y qué”.

Não obstante, ressalto, ainda, que o território como já abordado anteriormente, tende a ser bastante fabulado, carregando consigo imaginários pré-concebidos, por vezes exagerados, mas também muito descontextualizados e irreais, que acabam tornando-se símbolos de referência. Nesse sentido, também proponho uma leitura ao poema *Caminos*, de Sentías:

Vuelvo al lugar de mi exilio.
No temo a lo desconocido
Como hace años, ni llevo
la esperanza del ayer, con la vida
por delante llena de ilusiones.
He vuelto a nacer.
Camino que recorrí a los veinte años
con mi amado esperando forjar
un hogar impenetrable al engaño.
Atrás quedaba mi familia,
mi patria,
mi mundo.

El camino serpentea
Entre las entrañas de los cerros verdes.
Las palmeras se mecen con el viento
tan altas que parecen susurrar al cielo.
Huertos de naranjos,

cascadas de buganvilias moradas
y gigantes tulipanes rojos
engalanan el paisaje.

[...]

Me parece tan lejano todo aquello.
Otros días, otro mundo, otra yo.

[...]

No tengo miedo al pasado.
Estoy en paz conmigo misma.

[...]

Hoy regreso libre para hacer,
para deshacer,
para ir,
para venir,
para dar,
para recibir,
para ser yo.

(SENTÍES, 2014, pp. 100-105)

Voltar ao lugar do exílio significa retornar ao lugar que, uma vez, foi casa e reviver as memórias do passado. Sobre esse tema Silvia Cárcamo escreve que

A situação do exílio ocasionaria um modo de ver o mundo mais complexo, rico e original. O escritor que sofreu essa experiência quase intransferível ou incomunicável ganharia uma mirada plural capaz de contrapor permanentemente duas visões simultâneas, a da terra de origem e a do novo ambiente. Essa visão “nômade”, distanciada, capaz de se situar em focos de observação diferentes, propiciaria explorações férteis no campo da memória por parte de quem pode ver o mundo inteiro “como uma terra estrangeira”.
(CÁRCAMO, 2022, pp. 266-267)

Em diálogo com essa citação, destaco o verso: “Otros días, otro mundo, otra yo”. Interessante perceber como se fosse uma escala gradativa e crescente de transformação que a atinge, abordando assim questões temporais, geográficas/culturais e pessoais. Mais uma vez, o viver-entre demonstra que há múltiplas possibilidades de se experienciar o mundo, pois situações fronteiriças, migratórias e de exílio contribuem para a formação de uma nova cosmovisão sobre o mundo, que vai de encontro a uma ‘otra yo’. Com relação a essa forma dinâmica de uma nova percepção, destaco o uso metafórico de caleidoscópio, atribuído por César e Cavalcanti (2007), que em muito soma a essa discussão:

sendo feito por diversos pedaços, cores, formas e combinações, é um jogo de (im)possibilidades fortuitas e, ao mesmo tempo, acondicionadas pelo contexto e pelos elementos, um jogo que se explica sempre fugazmente no exato momento em que o objeto é colocado na mira do olho e a mão o movimenta; depois, um instante depois, já é outra coisa.

(CÉSAR; CAVALCANTI, 2007, p. 61)

É interessante pensar que esse é um objeto que faz com que as imagens sejam refletidas diversas vezes, mas conforme o tubo é girado os padrões se alteram. Assim faço a leitura das visões de mundo, que ganham distintas percepções a partir de novas vivências. Inclusive, a despeito dessas considerações, proponho a análise sobre os percalços destacados pela jornada de uma exilada e, ainda, a expansão da noção de ‘lar’ presente nesse contexto; que mesmo não aparecendo explicitamente, permite que haja essa leitura em: “Atrás quedaba mi familia / mi patria / mi mundo.” As definições de lar, por vezes, podem ser contraditórias, já que a depender da situação pode representar hostilidade e violência ou conforto e segurança, mas para uma trajetória peregrina diferentes lares vão sendo construídos ao longo do caminho, o que fica bem evidente em: ‘Camino que recorrí a los veinte años / Con mi amado esperando forjar un hogar’. Amparado na noção de lugar simbólico Avtar Brah declara:

¿Dónde está el hogar? Por un lado, el «hogar» es un lugar mítico de deseo en la imaginación diaspórica. En este sentido, es un lugar de no retorno, incluso si es posible visitar el territorio geográfico que se considera el lugar de origen. Por otro lado, el hogar es también la experiencia vivida de una localidad. Sus sonidos y olores, su calor y su polvo, sus templadas noches de verano o la excitación de la primera nevada, las estremecedoras noches de invierno, los sombríos cielos grises al mediodía... todo esto, mediado por la cotidianeidad históricamente específica de las relaciones sociales.

(BRAH, 2011, p. 223)

Levando em consideração que o título do poema é *caminos*, há a possibilidade de que ao longo do percurso diferentes *lares* fossem ganhando espaço, mas ainda assim o cenário inicial permanece intacto na memória: ‘El camino serpentea / Entre las entrañas de los cerros verdes’ e uma vez que a identificação não é mais a mesma: ‘Me parece tan lejano todo aquello.’ o que se espera como consequência desse processo é liberdade; que de forma tão bela e potente vem sendo expressa, na última estrofe, primeiramente, através de ações/verbos: ‘Hoy regreso libre para hacer / para deshacer / para ir / para venir / para dar / para recibir...’ e de modo a terminar o poema, liberdade: ‘para ser yo’. Abrindo

espaço para a diversidade, sem dúvidas, aqui não cabe um olhar simplista, já que a busca por isolar o sujeito em características únicas não se sustenta, devido à inviabilidade da existência de um lugar sem atravessamentos de outras culturas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS – *Heridas Abiertas de América Latina*

Refletir sobre essas escritas produzidas entre-línguas significará pensar a literatura como espaço de desestabilização dos discursos [...]; nas potencialidades estéticas dessa literatura e na forma como essas culturas modificam nosso modo de pensar-nos. (GONZÁLEZ, 2022, pp. 374-375)

As páginas desta dissertação foram organizadas com o objetivo de contribuir com a ampla difusão da pesquisa comparatista, que vem sendo realizada na academia brasileira, possibilitando diálogos entre colegas de investigação e ampliando o público leitor. Trata-se, portanto, de um trabalho que visa à democratização dos debates que vêm acontecendo no contexto de estudos da Literatura Comparada; uma vez que esse é o campo que propõe vínculos entre a Literatura, a Cultura, a Política, a História, entre outros.

Neste trabalho, busquei focalizar de que modo conceitos como fronteira, literatura e língua se atravessam nos livros *Noite nu norte: poemas em portuñol* (2010), de Fabián Severo e *The Ones Santa Anna Sold* (2014), de Raquel Senties e proporcionam possíveis caminhos de leitura e interpretação não só das obras, mas do mundo que as cercam e nos cerca. Considerados livros de temáticas fronteiriças, seus poemas são uma ode à vida, que narram beleza e tragédias, permitindo-nos contemplar uma parte de um todo. Ao dar sequência à leitura, a poesia vai adquirindo força ao versar sobre família, pobreza, preconceito linguístico, identidade, entre outros, ao mesmo tempo que permite o encontro de vários mundos em suas letras. Logo, o constante transpasse entre fronteiras geográficas não foi motivo para ignorar a existência de outras fronteiras que permeiam suas relações, seja com o outro, com a cultura, com a língua ou com o território, muito pelo contrário; a construção poética nas obras demonstra que essa articulação também contempla o simbólico.

Nesse sentido, com o fim de correlacionar conteúdo e forma, a organização desta dissertação foi traçada de modo que não fosse dividida em blocos separados por *corpus*, uma vez que há dois territórios literários como objetos de estudo, mas antes, que todo o seu texto pudesse estabelecer diálogos e conversas, fugindo de concepções pré-concebidas do que seja debruçar-se na área da Literatura Comparada.

Por esse caminho, ao longo da análise empreendida, na primeira parte deste trabalho comprovei que a fronteira, que funciona simbólica e materialmente é, também, onde se proliferam muitas contradições e semelhanças. Ao mesmo tempo que separa, liga; é fixa e real, mas também é imaginária, fluida e sempre em processo de mudança; visto que “esa sensación inconmensurable o al menos de difícil mensura que transita el habitante de frontera, no puede explicarse con la definición terminante del límite” (CAMBLONG, 2009, p. 133). Portanto, esse capítulo demonstrou como tal espaço é teoricamente elaborado de modo que se converte em uma metáfora para representar uma experiência de vida: *deixar-se ser fronteirizado*. É certo que comecei com conceitos já consagrados sobre a fronteira, mas a partir de outros que fugiam do cânone projetei novos sentidos e significados que se desenvolveram junto aos textos literários em questão.

No que diz respeito à segunda parte da dissertação, depois de percorrer um caminho um pouco teórico sobre a transitoriedade de línguas e literaturas, foi possível reconhecer como a livre expressão linguística e literária corrobora para a validação identitária dos sujeitos transfronteiriços através dos poemas interpretados. Levando em consideração que se pretendeu validar, justamente, essa transitoriedade das identidades, como sendo um produto desses múltiplos cruzamentos. Também se verificou correspondência entre forma e conteúdo nas obras literárias, ao mesmo tempo em que se propunha diálogos com diferentes teorias.

Sobre o terceiro capítulo, tornou-se evidente como a memória ocupa um espaço significativo nas poéticas transfronteiriças, já que se relaciona, em grande parte, com a vida em comunidade ou vivências, por vezes, traumáticas dos sujeitos, que em muito se relacionam com atravessamentos de questões identitárias e linguísticas, evocando e resgatando memórias desse eterno trânsito.

Procurei, portanto, demonstrar a pertinência e validade dos variados enquadramentos teóricos utilizados nesta investigação, sem limitar e restringir a leitura das obras literárias, mas sim potencializá-las, inclusive como ponto de partida para estudos futuros através de um foco mais linguístico ou por outras produções culturais; uma vez que tanto Fabián Severo como Raquel Senties se dedicam a recitais/músicas e artes plásticas, respectivamente. Nesse sentido, seria interessante e frutífero explorar a literatura transfronteiriça e outras linguagens produzidas nesse espaço ou a partir dele. Bem como, outras categorias de análise que não puderam ser contempladas aqui, por

exemplo, a de gênero, que também se apresenta como uma temática literária recorrente, principalmente, entre autoras fronteiriças.

Em razão do próprio formato e duração de tempo de pesquisa me detive no que foi desenvolvido ao longo destas páginas, inclusive porque a investigação aborda uma autora ainda desconhecida no âmbito acadêmico literário nacional, além das dificuldades para se obter suas obras literárias. Cabe mencionar que somente através de uma viagem de campo financiada pelo PPPGLC pude ter acesso ao livro *Soy como soy y qué* na biblioteca do *El Colegio de México*, na Cidade do México. Também, por esse meio, tomei conhecimento de uma obra, até mesmo, mais recente da autora – abordada como objeto de pesquisa neste trabalho – que também só consegui através de uma livraria internacional, a mesma que vende a nova edição do livro de Severo.

Apesar de essas representarem um pouco as dificuldades encontradas ao longo do caminho, houve também o período pandêmico, meu processo de mudança à cidade de Foz do Iguaçu, a adaptação à nova cidade e rotina, bem como o ritmo da vida acontecendo, que não para. Assim é a fronteira, não há um minuto sequer que seu fluxo de movimento paralise ou não repercuta aqui ou lá. Por esse motivo, a metáfora da fronteira como uma *herida aberta*, pois deixar sangrar significa validar todos os atravessamentos sociais, culturais, linguísticos e literários. No entanto, mesmo que se transforme em cicatriz, ainda será um vestígio que carrega, em si mesmo, memórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABI-RAMIA, Rodrigo de Paula. **Posicionamento brasileiro na América do Sul.** Imperialismo e Subimperialismo na Nova República (1990-2016). Dissertação (Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina) - Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina. UNILA, Foz do Iguaçu, PR, 2020. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5923/Posicionamento%20Brasil%20na%20Am%C3%A9rica%20do%20Sul...?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 nov 2022.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko, Chapecó, SC: Argos, 2009.

AÍNSA, Fernando. Palabras nómadas: los nuevos centros de la periferia. In: ESTEBAN, Ángel; MONTROYA, Jesús; NOGUEROL, Francisca; PÉREZ LÓPEZ, María Ángeles (ed.). **Narrativas latinoamericanas para el siglo XXI:** nuevos enfoques y territorios. Hildelshein: OLMS, pp. 1-27, 2010.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Antonio... [et al.]; PEDROSA, Celia... [et al.]. **Indicionário do Contemporâneo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

ANTUNES, Maria Irandé Costa Moraes. **Muito além da gramática:** por um ensino de gramática sem pedras no caminho. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2007.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera:** The new mestiza. 4ª ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo – as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 31, pp. 219–250, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644879>. Acesso em: 25 out. 2022.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de Recordação:** Formas e transformações da memória cultural. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2011.

BAGNO, Marcos. O que é uma língua? Imaginário, ciência & hipóstase.... In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (Orgs.) **Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, pp. 355-387, 2011.

BEHARES, Luis Elizaincín. **Planificación lingüística y educacional en la frontera uruguaya con Brasil.** Instituto Interamericano del Niño, OEA, Montevideo, 1984.

BENTANCOR, Gladys. Una frontera singular: la vida cotidiana en ciudades gemelas: Rivera (Uruguay) y Sant’Ana do Livramento (Brasil). In: NUÑES, A; PADOIN, M. M.;

OLIVEIRA, T. C. M. de. (Orgs.). **Dilemas y diálogos platinos: fronteiras**. Dourados, MS: Ed. UFGD, pp. 73-105, 2010.

BERND, Zilé. [Texto de orelha]. In.: LISBOA DE MELLO, A. M.; ANDRADE, A. (Orgs.) **Translinguismo e poéticas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

BETTI, Silvia. El Spanglish en los Estados Unidos: ¿Estrategia Expresiva Legítima? **Lenguas Modernas**, 37. Universidad de Chile: Primer Semestre, pp. 33-53, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.uchile.cl/files/journals/96/articles/30687/public/30687-102427-1-PB.pdf> Acesso em: 22 maio 2022.

_____. Spanglish en los Estados Unidos: Apuntes sobre lengua, cultura e identidad. **CONFLUENZE**, Rivista di Studi Iberoamericani. vol. 1, nº 2. Dipartimento de Lingui e Letterature Straniere Moderne, Università di Bologna: pp. 101-121, 2009. Disponível em: <http://confluenze.cib.unibo.it/article/view/1653/1026> Acesso em: 22 maio 2022.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRAH, Avtar. **Cartografías de la diáspora**: Identidades en cuestión. Trad. de Sergio Ojeda, Madrid: Traficantes de sueños, 2011. Disponível em: <https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Cartograf%C3%ADas%20de%20la%20di%C3%A1spora-TdS.pdf>. Acesso em: 03 set 2021

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri. **¿Quién le canta al estado-nación?**: lenguaje, política y pertenencia. Trad. Fermín Rodríguez. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2009.

CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CAMBLONG, Ana María. Habitar la frontera. **deSignis**, Argentina, v. 13, pp. 125-133, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=606066732013> Acesso em: 4 jul. 2022.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada, Brasília**, v. 1, n. 1, pp. 09-21, 1991. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/1/1> Acesso em: 23 mar. 2021

CÁRCAMO, Silvia. Cenas do exílio e literatura hispano-americana. In: CORDIVIOLA, Alfredo ... [et al.]. **Temas para uma história da literatura hispano-americana**. Porto Alegre: Letra1, v. 1, pp. 266-267, 2022.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CÉSAR, América; CAVALCANTI, Marilda; Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Marilda. C; BORTONIRICARDO, Stella M. (Org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado das Letras, pp. 45-66, 2007.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Diccionario de Símbolos**. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1992.

COUTINHO, Eduardo Faria. Reflexões sobre uma nova historiografia literária na América Latina. In: **Ilha do Desterro**. Florianópolis, nº 59/ jan-jul, 2010, pp. 113-132. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2010n59p113> Acesso em: 23 mar. 2021

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006b.

CUNHA, Adan Phelipe. Contrastando Sapir (d)e Whorf na “Hipótese Sapir-Whorf”. **Seta**, Campinas, v. 5, pp. 3-17, 2011. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1279/1478> Acesso em: 26 maio. 2022

DEMICHELI SAMPAIO, Rebeca. Linguagem, Cognição e Cultura: a Hipótese de Sapir-Whorf. **Cadernos do IL**, [S. l.], n. 56, pp. 229–240, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/83356> Acesso em: 26 maio. 2022.

DIEGUES, Douglas. **Uma flor na solapa da miséria**. Buenos Aires: Eloísa Cartonera, 2005.

ELIZAINCÍN, Adolfo. **Algunas previsiones sobre los dialectos portugueses del Uruguay**. Montevideo- Uruguay: División de Publicaciones y Ediciones/ Universidad de la República, 1979.

ESPOSITO, Roberto. **Communitas**: origen y destino de la comunidad. 1ª ed., 2ª reimp. Trad. de Carlo Rodolfo Molinari. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

ETTE, Ottmar. **EscreverEntreMundos**: Literaturas sem morada fixa. Trad. Rosani Umbach, Dionei Mathias, Teruco Arimoto. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

_____. Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos Transárea. Trad. Luiz Barros Montez. In.: **ALEA**. Rio de Janeiro, vol. 18/2. p. 192-209. mai-ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/J3ghvttStPsHfYhScnnxtgm/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 set 2022.

FLORES HERNÁNDEZ, B.; GONZÁLEZ ESPARZA, M. Vocación y andanzas caribeñas de Antonio López de Santa Anna. **Anuario de Estudios Americanos**, [S. l.], v. 67, n. 2, pp. 635–661, 2010. DOI: 10.3989/aeamer.2010.v67.i2.522. Disponível em:

<https://estudiosamericanos.revistas.csic.es/index.php/estudiosamericanos/article/view/522> . Acesso em: 20 jan 2023.

GARDNER-CHLOROS, Penelope. Contact and Code-Switching. In: HICKEY, R. (ed.) **The Handbook of Language Contact**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, pp.188-207, 2010.

GENETTE, Gérard. **FIGURAS II**. Trad. Nícia Adan Bonatti. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2015.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce do Carmo Albergaria. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. Escritas translíngues e comunidade literária hispano-americana. In: LISBOA DE MELLO, A. M.; ANDRADE, A. (Orgs.) **Translinguismo e poéticas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios e Multiterritorialidade**: um debate. GEOgraphia, Niterói, vol. 9, n. 17, pp. 19-46, 2007.

HAESBAERT, Rogério e LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Geo UERJ**, [S.l.], n. 5, p. 7, mar. 2020. ISSN 1981-9021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/49049>. Acesso em: 04 nov. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed, Rio de Janeiro: SP&A, 2006.

LAGORIO, Consuelo Alfaro. Norma e bilinguismo no espanhol americano: O caso andino... In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (Orgs.) **Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, pp. 193-214, 2011.

LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina**: uma especulação. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MORALES, Ed. **Living in Spanglish**: The Search for Latino Identity in America. Paperback, 2002.

NANCY, Jean-Luc. **La comunidad desobrada**. Trad. Pablo Perera. Madrid: Arena Libros, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ONFRAY, Michel. **Teoria da Viagem**: poética da geografia. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PIZARRO, Ana. (coord.). **Hacia una historia de la literatura latinoamericana**. México: Universidad Simón Bolívar; El Colegio de México, 1987.

PRATT, Mary Louise. *Lenguas viajeras: hacia una imaginación geolingüística*. **Cuadernos de Literatura**, Bogotá, vol. XVIII, n. 36, julio-diciembre, pp. 238-253, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=439843033017>. Acesso em: 13 maio 2022.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1982a.

_____. **La novela latinoamericana, 1920-1980**. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1982b.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Trad. Raquel Ramallete et. al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994.

RINCÓN, Bernice. *La Chicana: Her Role in the Past and her Search for a New Role in the Future*. **Chicana Feminist Thought: The Basic Historical Writings**. Ed. García Alma. New York: Routledge, 1997.

RONA, José Pedro. **El Dialecto “Fronterizo” del Norte del Uruguay**. Montevideo: Librería Adolfo Lunardi, 1965.

SAID, Edward. Reflexiones sobre el exilio. In: **Reflexiones sobre el exilio. Ensayos literarios y culturales seleccionados por el autor**. Barcelona: Debate, 2005.

SENTÍES, Raquel Valle. **The Ones Santa Anna Sold**. California: Floricanto, 2014.

SEVERO, Fabián. **Noite nu Norte: Poemas en Portuñol**. Montevideo: Ediciones Del Rincón, 2010.

SIANO, Antonieta Heyden Megale; CAMARGO, Helena Regina E. *Práticas translíngues: o repertório linguístico do sujeito bilíngue no século XXI*, 2015. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, vol. 09; n. 01, pp. 04-18. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/1353> Acesso em: 23 fev. 2022

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteira e política de línguas: uma história das ideias linguísticas**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. UNICAMP, Campinas, SP, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/visit.php?cid=55&lid=832. Acesso em: 17 jun. 2022.

_____. **A fronteira e a nação no séc. XVIII: os sentidos e os domínios**. Santa Maria: PPGL-UFSM Editores, 2007 (Série Cogitare, v. 3).

SZURMUK, Mónica; MCKEE IRWIN, Robert. borderlands. In.: AGUILAR, Gonzalo et al. (Orgs.). **Diccionario de términos críticos de la literatura y la cultura en América Latina** - 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, pp. 57-68, 2021.

VALENZUELA ARCE, José Manuel. **Transfronteras:** fronteras del mundo y procesos culturales. Disponível em: [141212 Transfronteras INT LECTURA.pdf \(repositorioinstitucional.mx\)](#). Acesso em: 20 jan 2023.

YILDIZ, Yasemin. **Beyond the mother tongue:** the postmonolingual condition. University of Virginia Press, 2013.

ZANATTA, Flávia. Breve panorama da situação da norma linguística no Brasil, **Lusorama**, pp. 79-102, 2009.